



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR**  
**MILTON SANTOS**  
**PÓS-GRADUAÇÃO ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A**  
**UNIVERSIDADE**

**CAROLINNE MONTES BAPTISTA VIEIRA**

**OS FATORES PREDOMINANTES NA ESCOLHA PELOS CURSOS DE**  
**BACHARELADO INTERDISCIPLINAR DA UFBA**

Salvador  
2015



**CAROLINNE MONTES BAPTISTA VIEIRA**

**OS FATORES PREDOMINANTES NA ESCOLHA PELOS CURSOS DE  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR DA UFBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

Orientador: Renata Meira Vêras (IHAC – UFBA)

Salvador

2015

Camila Oliveira Fortuna – CRB 1766

V657

Vieira, Carolinne Montes Baptista.

Os fatores predominantes na escolha pelos cursos de bacharelado interdisciplinar da UFBA. /Carolinne Montes Baptista Vieira. --Salvador, 2015.

88 p. : il.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Renata Meira Véras.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, 2015.

1. Bacharelados Interdisciplinares. 2. Escolha vocacional/profissional. I. Véras, Renata Meira. II. Universidade Federal da Bahia, Instituto De Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. III. Título

CDU 378



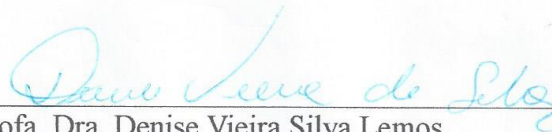
**CAROLINNE MONTES BAPTISTA VIEIRA**

**OS FATORES PREDOMINANTES NA ESCOLHA PELOS CURSOS DE BACHARELADO  
INTERDISCIPLINAR DA UFBA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 27 de abril de 2015.

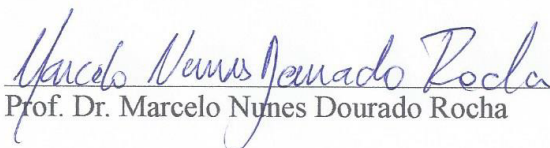
**Banca examinadora**



Profa. Dra. Denise Vieira Silva Lemos



Profa. Msc. Ludimila Mota Nunes



Prof. Dr. Marcelo Nunes Dourado Rocha



## AGRADECIMENTOS

A realização de uma pós-graduação como um mestrado é uma oportunidade muito rica de crescimento, tanto com relação aos conhecimentos quanto a nível pessoal. Durante toda a formação pude me deparar com variados desafios e possibilidades de aprendizados, desde a leitura e escrita acadêmica até a postura de um professor e pesquisador – cientista, que se compromete com a realidade social e com o amor ao saber.

Entretanto, nada disso seria possível sozinha. Com muito carinho, aqui, venho agradecer:

Primeiramente a Deus, pois tenho a plena certeza de que os caminhos que se abrem em meu destino existem porque estou conectada com ele.

Ao meu esposo em especial, por ter me apresentado o mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade e me incentivado com amor o tempo todo nessa jornada.

Aos meus pais, professores e amigos que incentivaram e estiveram comigo.

À minha orientadora também um agradecimento muito especial. Sempre esteve atenta ao meu processo formativo, dando todo o suporte de que eu necessitava, além de incentivar o meu avanço.

Aos meus colegas de trilha, que me ajudaram muito durante o curso com dicas, disponibilidade de auxílio e trocas de ideias.

À secretaria e à coordenação do EISU.

Às muitas outras pessoas que cruzaram meu caminho e contribuíram de alguma forma.

E, por fim, agradeço a banca examinadora pela disponibilidade em estar presente na apresentação deste trabalho.





## RESUMO

Essa dissertação pretende descrever a investigação sobre os fatores predominantes na escolha dos estudantes pelos Bacharelados Interdisciplinares (BI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Para isso foram realizados dois estudos. O primeiro caracterizou-se por um estudo do estado da arte sobre os fatores predominantes na escolha vocacional/profissional e o segundo por uma pesquisa qualitativa exploratória que teve por objetivos investigar se a escolha pelos BI implicava em uma busca vocacional e identificar quais fatores motivaram e influenciaram a escolha pelos cursos, além de averiguar se os estudantes tinham um conhecimento mais aprofundado acerca dos BI ao ingressar. Os resultados dos estudos demonstraram que os fatores envolvidos na escolha vocacional/profissional coincidem com os fatores que influenciam a escolha pelos BI, mas não em seus motivos. A pesquisa revelou também a presença de uma indecisão vocacional/profissional nos estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares, bem como um conhecimento mais informal sobre os BI ao ingressar. Portanto esse estudo pode contribuir para o fortalecimento e crescimento dos BI na UFBA, já que mostra sua importância em oferecer uma formação mais ampla, interdisciplinar e oportunizar um tempo maior para escolha vocacional/profissional, o que pode contribuir para uma maior maturidade nesta escolha.

**Palavras-chave:** Bacharelados Interdisciplinares. Escolha Vocacional/Profissional. Universidade Federal da Bahia.



## **ABSTRACT**

This thesis aims to describe the research on the prevailing factors in students' choice for Interdisciplinary Bachelors (BI) of the Federal University of Bahia (UFBA). Thereunto two studies were conducted. The first one featured a study of the state of the art on the prevailing factors in vocational/career choice and the second one an exploratory qualitative research that aimed to investigate if the choice for BI involved in a vocational pursuit and identify what factors motivated and influenced the choice for the courses, besides ascertaining if the students had a better understanding about the BI when joining in. The study results showed that the factors involved in vocational/career choice coincide with the factors that influence the choice by BI, but not in its motives. The research also revealed the presence of a vocational/career indecision in students of Interdisciplinary Bachelors, as well as a more informal knowledge about the BI when joining in. Therefore this study may contribute to the strengthening and growth of BI at UFBA, since it shows its importance in offering a broader, interdisciplinary training and providing more time to vocational/career choice, which can contribute to more maturity in this choice.

**Keywords:** Interdisciplinary Bachelors. Vocational/Career Choice. Federal University of Bahia.



## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
2	<b>ESCOLHA VOCACIONAL OU ESCOLHA PROFISSIONAL?</b> .....	12
2.1	VOCAÇÃO .....	12
2.2	ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL .....	14
2.3	PROFISSÃO E OCUPAÇÃO .....	15
3	<b>A ESCOLHA VOCACIONAL/PROFISSIONAL E A ENTRADA NA UNIVERSIDADE</b> .....	17
4	<b>OS FATORES PREDOMINANTES NA ESCOLHA VOCACIONAL/PROFISSIONAL</b> .....	24
4.1	FATORES INTERNOS DE QUEM ESCOLHE.....	24
4.2	FATORES EXTERNOS A QUEM ESCOLHE.....	30
5	<b>OS BACHARELADOS INTERDISCIPLINARES NA UFBA</b> .....	36
6	<b>MÉTODO</b> .....	43
7	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	44
7.1	MOTIVOS DA ESCOLHA PELOS BI .....	45
7.2	FATORES DE INFLUÊNCIA NA ESCOLHA PELOS BI .....	54
7.3	CONHECIMENTO SOBRE A PROPOSTA DOS BI .....	61
8	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	64
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	67
	<b>ANEXOS</b> .....	82

## 1 INTRODUÇÃO

No decorrer da vida, o ser humano realiza uma série de escolhas, dentre elas está a escolha vocacional/profissional, que geralmente ocorre na juventude, quando o sujeito está passando por uma série de transformações físicas, psicológicas e sociais de forma muito intensa e acelerada. Além destas transformações existem algumas pressões que vêm da família, do grupo de amigos, da mídia, da sociedade, que interferem bastante no bem estar do jovem, na sua capacidade de discernimento e conseqüentemente em suas escolhas.

Segundo Bohoslavsky (2003), a adolescência caracteriza-se como uma etapa do ciclo vital, onde a pessoa passa por momentos de desestruturação e reestruturação de seu mundo interior e exterior. Nesse sentido, Bock (2001) e Müller (1988) retratam esta etapa como um período de crise, onde o jovem pode se comportar de maneira instável, desobediente, desafiadora e gerar conflitos sociais e familiares, sendo que fazer uma escolha nesse período é uma tarefa difícil.

No entanto, justamente nessa época, ele é convocado a eleger uma profissão que o acompanhará por boa parte de sua vida, normalmente sem dispor de uma educação direcionada ao encontro da sua vocação desde criança, o que torna suas escolhas e seu projeto de vida um tanto quanto arriscados, pois ainda não possui a maturidade psicológica e vivencial necessárias para uma tomada de decisão consciente.

Segundo Bardagi, Lassance e Paradiso (2003), o conhecimento transmitido na escola e na família ao longo da educação têm sido falho no que diz respeito à tomada de decisões e oportunidades para o desenvolvimento vocacional. Nesse aspecto, Müller (1988) coloca que a escola não ensina a escolher, a pensar, a resolver problemas, a refletir sobre as realidades: social, cultural, histórica e profissional e quando o faz ainda é de forma ocasional e desarticulada.

Contudo, no ensino médio, o jovem pode ter tido contato com algum processo de orientação vocacional/profissional no colégio ou procurar esse serviço por iniciativa própria ou da família, mas essa prática ainda é pouco comum, principalmente entre os oriundos de classes populares. Paradiso e Sarriera (2009) ressaltam que é necessário ampliar o conhecimento a respeito desta população sob a perspectiva do desenvolvimento de carreira, embora existam trabalhos brasileiros e pesquisa com jovens dessas classes.

Quanto à vocação, Rivelis (2011) a define como a possibilidade de o ser humano encontrar seus dons e desenvolvê-los com a ação cotidiana, aprendendo a usá-los em benefício de todos. O autor Isasa (2010) complementa essa ideia ao colocar que a

manifestação da vocação pode se dar através do exercício de uma profissão, ocupação, ação ou hobby, configurando um estilo de vida.

A escolha vocacional/profissional é uma questão fundamental no momento da entrada na universidade, onde o jovem tem de optar qual curso vai querer seguir e começa a definir qual carreira almeja construir. Tanto é que, segundo Macedo (1998), a temática da carreira profissional tem sido amplamente abordada nos últimos anos, pois novos cargos e novas oportunidades de trabalho começam a surgir em um ritmo bastante acelerado, acompanhados das questões da globalização e dos avanços tecnológicos. Isso faz planejar e repensar as formações profissionais e ocupacionais, bem como as carreiras, de acordo as necessidades do mercado de trabalho articuladas às preferências pessoais.

De acordo aos Anais da Conferência Mundial sobre o Ensino Superior, realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1999, o mercado de trabalho tem exigido das universidades a formação de profissionais com as características: flexibilidade, inovação, criatividade, pré-disposição a aprendizagem constante, capacidade de enfrentar incertezas, aptidão para a comunicação, habilidade com trabalho em equipe, espírito empreendedor, familiaridade com culturas diversas, competências genéricas em vários campos do conhecimento, principalmente nas novas tecnologias, que formam as bases das várias competências profissionais (UFBA, 2008).

Para dar conta de formar profissionais com essas competências, a universidade brasileira precisa se reestruturar, rever seu modelo de ensino. Uma reforma na educação brasileira é necessária, como já debatiam os autores Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes e Naomar de Almeida Filho. Nessa direção, foi criado em 2006, na Universidade Federal do ABC (UFABC) em São Paulo, um novo modelo de educação superior composto por ciclos, que culminou na implantação do Bacharelado em Ciência e Tecnologia. Este modelo foi inspirado no sistema de educação atual da Europa, vigente a partir do Processo de Bolonha<sup>1</sup>, juntamente com o movimento da Escola Nova, idealizado por Anísio Teixeira na década de 1960. Porém, incorpora um desenho inovador, necessário para responder às atuais demandas de formação acadêmica (CAMARGO et al., 2010).

Também inspirados nas mesmas ideias, foram criados na Universidade Federal da Bahia (UFBA) os Bacharelados Interdisciplinares (BI) em 2009, a partir do projeto UFBA

---

<sup>1</sup> A Declaração de Bolonha trata-se de um documento assinado por ministros da educação de países europeus em 19/06/1999, que estabelece um sistema de créditos transferíveis e acumuláveis, homogêneos para vários países, com três ciclos, sendo o primeiro básico e uniforme de três anos (LIMA; AZEVEDO; CATANI, 2008).



Nova em 2007, que surgia concomitantemente com o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (Reuni). Os BI almejavam uma transformação curricular e pedagógica do ensino, que desse conta do esgotamento do modelo de graduação profissionalizante e seus principais impactos, como, por exemplo, o alto índice de evasão universitário e defasagem das metodologias e estratégias pedagógicas (MACEDO; VERAS; LEMOS, 2014).

Uma das vantagens ao cursar os BI, além da nova estrutura curricular que vai de encontro às transformações ocorridas nas últimas décadas, é a possibilidade de esperar um tempo maior para amadurecer a escolha profissional, já que o estudante ingressa na universidade e tem um período de três anos para se adaptar à vida universitária, conhecer as diversas áreas do conhecimento e profissões, para então, se assim o quiser, escolher uma profissão (UFBA, 2008).

Essa nova modalidade de ingresso na Universidade Federal da Bahia motivou a pesquisa discorrida nesta dissertação, que teve como objetivo geral investigar os fatores predominantes na escolha pelos Bacharelados Interdisciplinares e como objetivos específicos verificar se os estudantes visualizavam os BI como uma oportunidade de amadurecimento e de busca vocacional; identificar quais fatores motivaram e influenciaram a escolha pelos BI e se houve diferenças entre esses fatores nas diferentes modalidades: BI de Artes, BI de Humanidades, BI de Saúde e BI de Ciência e Tecnologia; e por último verificar se os estudantes conheciam o projeto pedagógico do curso.

Nos próximos 8 capítulos, serão abordados os aspectos teóricos, metodológicos, resultados e discussão, considerações finais da pesquisa. No segundo capítulo, será abordada a questão do uso dos termos escolha vocacional e escolha profissional, para justificar a aplicação do termo escolha vocacional/profissional neste trabalho, bem como esclarecer sobre o significado desses termos na Psicologia vocacional. Já o terceiro capítulo discorre sobre a escolha vocacional/profissional e a entrada na universidade, onde é traçado um panorama geral desses aspectos na contemporaneidade, os aspectos que motivam e influenciam o ingresso no ensino superior.

O quarto capítulo descreve os fatores que influenciam na escolha vocacional/profissional, que são normalmente os fatores que influenciam a entrada na universidade. O quinto capítulo discorre sobre os Bacharelados Interdisciplinares na UFBA, sua estrutura curricular e funcionamento, implicações e desafios. O sexto capítulo descreve o método empregado na pesquisa, relatando como foram escolhidos os estudantes pesquisados e

os instrumentos utilizados na coleta de dados e análise. O sétimo capítulo traz os resultados e discussões da pesquisa. O oitavo capítulo, por fim, traz as considerações finais sobre todo o processo.

## **2 ESCOLHA VOCACIONAL OU ESCOLHA PROFISSIONAL?**

Ao iniciar a pesquisa, foi percebida a necessidade de esclarecer alguns conceitos, como, por exemplo, investigar se havia diferença entre os termos escolha vocacional e escolha profissional, bem como entender os conceitos de vocação, ocupação e profissão. Observou-se que esses termos se mesclam dentro da Psicologia vocacional, e os profissionais que realizam trabalhos no sentido de orientar jovens nessas escolhas, utilizam as expressões orientação vocacional/ocupacional e orientação vocacional/profissional. Vasconcelos e Oliveira (2004) consideram que esses termos muitas vezes são utilizados indiscriminadamente, apesar de existir diferenças na literatura especializada.

### **2.1 VOCAÇÃO**

Quanto à vocação, Rivelis (2011) coloca que todo ser humano é depositário de dons e uma das grandes tarefas da vida é descobrir quais são e aprender a usá-los em benefício de todos, e enriquecendo-os com a ação cotidiana: ação de aprendizagem, de estudo, de trabalho, de interrogações, de busca de procedimentos e intercâmbios. Essa possibilidade de encontro com os dons, e de poder aprofundá-los e compartilhá-los, é a vocação.

O termo vocação deriva do latim *vocare* (chamar), tendo a mesma raiz de *vox* (voz, grito) e de convocar, evocar, invocar, provocar (chamar para fora). A vocação é uma forma de ser e fazer, de estar no mundo, sendo que a profissão é um dos recursos para poder viver com atitude vocacional, ou seja, atitude transformadora diante das dimensões pessoal e social, e atitude de reconhecimento, de entrega no que diz respeito à dimensão de igualdade e universalidade na qual nós seres humanos participamos e coparticipamos (RIVELIS, 2011).

Para o mesmo autor, viver com atitude vocacional requer viver comprometido com a transformação social, com a ética, com a busca do sentido da vida, com a igualdade, a espiritualidade, colocando o potencial interno em marcha. Viver dessa forma implica travar uma batalha para que isso possa ser possível para todos, para que todos tenham condições materiais e simbólicas necessárias para vivenciar essa busca e produção de sentido humanizante. Nesse ponto, é importante considerar que alguns seres humanos estão

interessados em viver dessa forma e outros não, por estarem vinculados a benefícios superficiais que lhes outorgam as posições que ocupam no terreno da desigualdade.

Pode-se pensar aqui nas pessoas que buscam apenas status social e dinheiro em seu trabalho ou profissão, que se deixam influenciar totalmente pelos valores capitalistas, ou os jovens de classes populares, pela realidade de seu contexto socioeconômico, não vivenciam essa forma de vida vocacionada, e se a vivenciam é com muita dificuldade e espírito de superação. Não é incomum que esses jovens se deparem não com uma escolha vocacional, mas com a necessidade do trabalho ou com opções mais perigosas como o tráfico e o crime. E não é só o contexto socioeconômico menos favorecido que pode afastar o ser humano de descobrir a sua vocação, mas os seus conflitos internos e externos, que podem deixá-lo alheio de si mesmo e da relação com o mundo.

No entanto, para Rivelis (2011), a humanidade contém a possibilidade de transformar situações e gerar maneiras de viver mais humanas. Isso se comprova pelas produções teóricas, textos profundos, obras de arte, pessoas que tem buscado mostrar caminhos, povos que tem configurado momentos de dignidade ao longo da história e pessoas solidárias, silenciosas, que todos os dias entregam e constroem.

Isasa (2010), traz uma definição de vocação com base no filósofo Platão, como sendo uma convocação do destino que o ser humano recebe através da sociedade para integrá-lo por sua utilidade. Essa utilidade está relacionada com as habilidades ou potenciais que ele traz consigo, de forma inata, e que foram construídas ao longo de muitas existências, por meio de múltiplas experiências em diversas encarnações.

Gusmán (1995), afirma que ao realizar seu próprio trabalho de forma vocacionada, o ser humano se integra na sociedade, sente-se útil, realizado e feliz. Segundo a mesma autora, a vocação vista dessa forma redefine o conceito de trabalho como um mal necessário, sendo o trabalho uma forma do ser humano se sentir útil. A capacidade de trabalhar construindo é próprio do homem e de alguns animais com incipiente inteligência. Trabalhar é construir, é uma forma digna de mostrar que está vivo, que pode atuar para modificar o entorno e torná-lo quem sabe mais positivo. Nesse sentido, o trabalho permite fazer algo útil, podendo ser uma forma de servir e ajudar a sociedade, onde cada um aporta com aquilo que mais sabe, que mais é habilidoso, com a sua vocação.

Esses autores discorrem sobre a vocação como algo intrínseco ao ser humano, muito íntimo, que ele traz consigo como uma semente em potência. Caberia ao contexto sociocultural colaborar para que esses potenciais aflorassem e pudessem ser expressos e aperfeiçoados. É importante destacar que essa concepção de vocação não nega a permanente

possibilidade de aprendizagem de habilidades novas e de auto-superação humana, embora muitos estudiosos interpretem essa forma de compreender a vocação como determinista.

## 2.2 ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Para Soares (2000), a orientação vocacional/ocupacional se refere a trabalhos realizados com adolescentes do ensino fundamental e utiliza o termo orientação profissional ao se referir a adolescentes do ensino médio.

Para a psicóloga Biscaro (2014), o termo “orientação vocacional” é mais utilizado com adolescentes que querem ingressar na universidade/faculdade mas encontram-se indecisos sobre qual curso escolher. É também aplicado para aqueles que iniciam vários cursos, mas parecem não se encontrar em nenhum, sendo um processo que permite auxiliar estes jovens a reconhecerem suas verdadeiras aptidões/habilidades, através do autoconhecimento.

Outra psicóloga Moura (2011), afirma que a orientação vocacional está atrelada no imaginário da sociedade, aos antigos testes aplicados em estudantes, mas é um processo muito mais amplo, tendo como método complementar a orientação profissional, que torna a decisão mais embasada. Para a psicóloga, a orientação vocacional auxilia a pessoa a descobrir seu perfil e a perceber quais são as suas áreas de interesse, mas só isso não basta, aí entra a orientação profissional, com o conhecimento da carreira. A vocação se refere ao aspecto comportamental do indivíduo, sendo que o lado mais profissional tem um enfoque mais técnico.

Já o termo “orientação profissional” é mais aplicado a jovens-adultos, que já escolheram sua profissão, já trabalham, mas estão descontentes com sua escolha, e também para pessoas de meia idade que pretendem mudar de carreira, ou desenvolver-se mais a sua própria profissão. Nesse caso é utilizado o termo “orientação de carreira”, que serve também para aqueles que tem dúvidas se estão na área ou profissão “correta”, e até mesmos às pessoas que tem a oportunidade de fazer uma faculdade com idade mais avançada. Assim, o processo de orientação profissional permitiria auxiliar este público, a refletir sobre sua profissão atual, sobre seus valores, e sobre seu projeto futuro (BISCARO, 2014).

Segundo Neiva (2007), o termo orientação profissional deve ser utilizado para ações que se limitam a informar sobre as profissões, o mercado de trabalho, onde são aplicadas técnicas de aprendizagem, sem que se dê ênfase a questões intrapsíquicas. Enquanto a orientação vocacional/ocupacional trata de um processo mais amplo, onde são fornecidas informações profissionais, mas há todo um esforço para auxiliar o orientando a conhecer as

suas características pessoais, familiares e sociais, promovendo assim o encontro das afinidades deste com aquilo que poderá vir a realizar em forma de um projeto de vida profissional.

O uso do termo orientação nesses processos pode ser questionado, pois sugere uma postura diretiva por parte do profissional que realiza a orientação vocacional/profissional. Segundo Ferreira (1986, p. 1232), na língua portuguesa, orientação consiste em “ato ou arte de orientar(-se)”. Tal definição sugere que uma pessoa pode ser orientada por alguém ou orientar a si mesma, ou seja, “reconhecer a situação do lugar onde se acha, para guiar-se no caminho” (p.1233). Assim, coloca-se que as pessoas podem tomar decisões por si mesmas sem necessariamente a ajuda de algum especialista que as oriente (MELO-SILVA; LASSANCE; SOARES, 2004).

No entanto, Levenfus (1997) coloca que a orientação deve ser entendida como: “auxiliar terapeuticamente alguém a encontrar um direcionamento para a sua vida, um que fazer, por meio de reconhecimento de uma identidade profissional, a partir do conhecimento de seu mundo interno e do mundo ocupacional” (p. 228-230).

Nesse sentido, Müller (1988) acrescenta que a orientação vocacional não é um estudo da psique do qual tem que sair resultados, tampouco um conselho no sentido de direcionar a vida do orientando, mas trata-se de um processo, uma trajetória, uma evolução, onde o orientando pode refletir sobre a sua problemática e ao mesmo tempo buscar construir formas para a sua superação. Sendo assim, a orientação vocacional visa levar o jovem a se conhecer, conhecer a realidade, para que possa tomar decisões com maior autonomia e reflexão.

Bohoslavsky (2003) trabalha com os termos identidade ocupacional e vocacional. Para esse autor, a identidade vocacional refere-se à resposta ao por que e para quê se escolhe uma determinada ocupação, o que normalmente não é claro para o adolescente, pois ele muitas vezes conhece seus interesses, mas não as suas raízes. A escolha profissional é fruto de motivos conscientes e inconscientes. Já a identidade ocupacional é adquirida quando o sujeito define o que quer fazer, de que modo e em que contexto e é determinada pela identidade vocacional, ou seja, a definição do que fazer, como, onde e deve vir imbuída de uma compreensão do por que e para quê dessa decisão.

### 2.3 PROFISSÃO E OCUPAÇÃO

Quanto ao conceito de profissão, Macedo (1998) define que é o trabalho exercido mediante uma preparação para desempenhá-lo em uma escola técnica ou em uma faculdade.

Neste nicho, encontramos os cursos oferecidos pelas universidades (sejam técnicos, tecnólogos, licenciaturas ou bacharelados), como, por exemplo, designer de games, Jornalismo, Arquitetura, Enfermagem, Medicina etc. Já a ocupação é definida como o cargo ou função exercida pelo profissional, por exemplo, um engenheiro (profissão) pode exercer a função de gerente financeiro (ocupação) em um banco, um pedagogo (profissão) pode ocupar-se de lecionar (ocupação) para os alunos do ensino infantil, um médico (profissão) pode administrar (ocupação) um hospital etc. Faz-se importante colocar que a ocupação e o trabalho de uma pessoa podem ser meros recursos de sobrevivência ou a parte mais significativa de sua vida interior, de realização de seu projeto existencial, mas os contextos socioeconômico e político podem alienar seu significado e gerar uma má escolha vocacional (MELLO, 2002).

A sociologia das profissões entende as profissões como grupos sociais, dando ênfase aos serviços prestados por estes e ao profissionalismo. Dentre as grandes preocupações dos sociólogos das profissões está a questão: “que grupos têm e quais não têm esse ou aquele pré-requisito para ser uma profissão realmente genuína?” (Bonelli, 1993, p. 32).

Dentro dessa perspectiva, entram as discussões sobre classes sociais, status, onde as profissões são vistas como criações sociais de grupos de poder para alienar os indivíduos, e torná-los escravos do mercado de trabalho.

Isso pode ter ocorrido devido às mudanças na década de 1960, que, segundo Harvey (1992), com o capitalismo industrial, as profissões deixam de ser vistas como relação altruísta entre profissional e cliente, como um serviço digno e moral, para serem vistas como modelos e formas de controle e poder. Os grupos profissionais se tornam manipuladores do saber e impõem necessidades à sociedade, criando demandas para seus serviços.

O próprio termo vocação tem sido empregado para colocar o homem certo no lugar certo, visando o lucro no mercado produtivo, surgindo assim a escolha profissional, como afirma Bock (2006).

Savickas (2004) propôs um modelo para fazer as distinções conceituais e contribuir na uniformização da terminologia. Tal modelo propõe a diferenciação dos serviços de carreira em aconselhamento de carreira, educação para a carreira, orientação vocacional, terapia ocupacional, colocação ocupacional e treino adaptativo ao posto de trabalho. Sobre a orientação vocacional ou profissional, o autor propõe que o seu objetivo seja ajudar os indivíduos indecisos em suas escolhas vocacionais, promovendo a identificação de interesses, aptidões e a exploração de domínios e níveis ocupacionais congruentes.

Crites (1969) afirma que a palavra inglesa *vocation*, ao ser traduzida para o espanhol, pode ser entendida tanto como *vocación*, quanto como *ocupación* ou *profesión*. Os autores Melo-Silva e Jacquemin (2001) e Carvalho (1995) colocam que o mesmo se aplica quando a palavra é traduzida do inglês para o português. A diferença entre esses termos, segundo Carvalho (1995), surge com a tradução das obras originalmente norte-americanas, das teorias sobre escolha profissional e desenvolvimento vocacional, para o português. Portanto, em sua origem, esses termos abarcam a mesma ideia.

De acordo as definições apresentadas sobre os termos, percebe-se diferentes perspectivas, que algumas vezes levam a uma complementariedade, como no caso das definições do que é orientação vocacional e orientação profissional, bem como a uma contradição, como no caso das definições do que seriam os termos vocação, profissão e ocupação.

Portanto, no presente trabalho, optou-se em utilizar o termo escolha vocacional/profissional para se referir a escolha dos estudantes pelos BI, sobre a ótica de serem termos complementares, já que o jovem que escolhe, precisa passar por um processo mais intrínseco, de autoconhecimento, bem como mais extrínseco de adquirir informações e conhecimento sobre profissões e o mercado de trabalho. No capítulo seguinte será discorrido sobre as questões que envolvem a escolha vocacional/profissional, bem como a entrada na universidade, buscando-se compreender os fatores envolvidos nesse processo, que servirá de base para a compreensão dos resultados da pesquisa desenvolvida com os estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares.

### **3 A ESCOLHA VOCACIONAL/PROFISSIONAL E A ENTRADA NA UNIVERSIDADE**

Buscou-se aqui trazer perspectivas diversas sobre a escolha vocacional/profissional, dentro da psicologia vocacional, na tentativa de integrar os diferentes olhares sobre o fenômeno, de forma a melhor apreendê-lo em sua totalidade.

O ingresso no ensino superior pode ser considerado uma transição, pois implica em potenciais repercussões no desenvolvimento psicológico dos jovens estudantes. Muitas vezes, ele representa a primeira tentativa de autonomia, traduzida por meio da escolha profissional (ou tentativa de escolha), que é uma tarefa típica do desenvolvimento na passagem da juventude para a vida adulta (ERIKSON, 1976). No entanto, estudos têm mostrado que nem sempre a profissão escolhida possui um caráter central na constituição da identidade de

universitários. Para alguns, o simples fato de ingressar no ensino superior e identificar-se como estudante universitário parece ser um aspecto mais importante do que a própria profissão (ou curso) em si (LASSANCE; GOCKS, 1995).

Pode-se definir a escolha profissional como o estabelecimento do que fazer, de quem ser e a que lugar pertencer no mundo através do trabalho. O jovem que está numa busca profissional não quer saber apenas o nome de uma profissão que deve seguir, mas busca alguma coisa que o faça feliz, que o realize pessoalmente e traga uma alegria de viver (BOHOSLAVSKY, 2003). Nesse sentido, Neiva (2007) acrescenta que escolher uma profissão não é somente decidir o que fazer, mas principalmente, decidir quem ser. Escolher uma profissão é escolher um estilo de vida, um modo de viver. E na busca por esse modo de viver, o jovem busca responder a duas questões: “Quem sou eu?” e “Quem serei eu?”, o que leva a uma busca por sua identidade, revisão do seu autoconceito, a partir de uma reavaliação de si mesmo. Descobrir “Quem sou eu?” implica ao jovem descobrir quais são suas aptidões, interesses, dificuldades, sonhos, crenças, possibilidades, tendências, dentre outros (MÜLLER, 1988).

Portanto, a escolha vocacional/profissional tem uma forte relação com questões existenciais, com a busca de um sentido na vida, de descoberta de si mesmo, e nesse ponto ela relaciona-se com a vocação, como afirma o filósofo Isasa (2010). Porém, a maioria dos estudantes não sabe o que quer fazer da vida e nem que carreira e profissão seguir. Muitos chegam ao ponto de não ter ideia sobre qual carreira prestar já na época das inscrições para o vestibular. É comum também os que já sabem mudarem de opinião, largarem a faculdade e até o trabalho depois de formado, e enveredarem para outra carreira bem diferente da anterior (BONONE; FIDALGO, 2011).

Segundo Lucchiari (1993, p. 11), a escolha ocupacional ou profissional é vista como uma “necessidade” pelos próprios jovens, e não só pela sociedade ou a família. Configura um ato de coragem (BOCK, 2001) e também de despedida, um luto, (LEVENFUS, 1997), pois sempre que se opta por algo, se abdica de outro, implica em perdas.

É importante esclarecer que a escolha profissional não é uma decisão isolada, mas um processo contínuo, que abrange uma série de decisões tomadas ao longo de vários anos da vida. Tal processo se aguça na juventude, em que uma decisão quanto à futura profissão ou ocupação deve ser tomada. Nesse sentido, vale colocar que a escola, a família e a sociedade preparam muito pouco ou quase nada o jovem para essa decisão, mas cobram dele uma posição com relação ao seu futuro profissional. O jovem enfrenta, então, uma tarefa difícil e



nem sempre sabe como realizá-la e muitas vezes nem se dá conta da seriedade que é escolher uma carreira (NEIVA, 2007).

Muitas vezes, é difícil escolher, pois escolher implica em renunciar a algo o que vai solicitar a elaboração de lutos específicos pelo que teve de abandonar (NEIVA, 2007).

Silva (1996, p. 91) atribui à escolha profissional o papel:

A apreensão de como os determinismos psíquicos e sociais se articulam na subjetividade dos sujeitos, em função da história de vida, do sexo, da posição social que ocupam e do lugar em que a profissão escolhida se situa nos mercados escolar e de trabalho, com vistas a explicitar os mecanismos subjacentes à escolha profissional.

Para Bock (1989), o indivíduo escolhe, e não escolhe ao mesmo tempo, sua profissão ou ocupação, assim como é e não é ao mesmo tempo reflexo da sociedade e autônomo em relação a ela.

Ao escolher uma profissão, os jovens brasileiros tem pouca ou nenhuma informação concreta como base. São informações distorcidas, idealizadas ou estereotipadas, desarticuladas de seu próprio perfil profissional. As escolas brasileiras estão planejadas e estruturadas de tal forma que não contribuem no processo de decisão, já que há uma tendência em massificar o corpo discente, anulando a individualidade do aluno, onde não há uma adaptação do conteúdo das aulas à realidade do mundo do trabalho (MOREIRA, 2000).

Para o mesmo autor, o jovem hoje está cada vez mais preocupado em “como sobreviver”, o que fazer para “ganhar dinheiro” e obter status, sem atentar para as suas aptidões e preferências. Os pais também acabam priorizando as profissões de status, como Direito, Medicina, Engenharia etc., e influenciam fortemente a escolha profissional dos filhos, dando pouca importância à satisfação e realização do jovem e muita importância ao diploma.

Análises do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), feitas em 1999 apud (UFBA, 2008), relativas à correlação ocupação, profissão e formação, mostram que apenas 44% dos profissionais trabalhavam em ocupações relacionadas à formação profissional. Dez anos depois, essa proporção reduziu a 38%, e em apenas 14 das 39 profissões pesquisadas a taxa de aderência foi maior que 50%. Esses dados revelam o despreparo do jovem brasileiro para realizar uma escolha profissional consciente e segura, não só pelo fato de ter uma educação falha no preparo de tomada de decisões e desenvolvimento vocacional, mas por estar submetido a um sistema de ensino onde a escolha da carreira profissional se dá muito cedo e de forma muito rápida, quando os estudantes são ainda jovens de 17 anos de idade.

O parecer CNE/CES nº329/04, citado no Termo de Referência de adesão da UFBA ao Reuni (2007), mostra que a história da formação superior no Brasil é caracterizada pela escolha da profissionalização precoce, o que leva a um destino profissional compulsório, onde o diploma continua a ser o passe para a vida profissional. Assim, além do despreparo para a realização da escolha profissional, são muitos os jovens que desistem ou abandonam os cursos universitários.

Sobre o abandono dos estudos no ensino superior, Kipnis (2000) coloca que o termo “evasão” é utilizado sem muito critério no meio educacional para se referir a esse abandono, pois o conceito adquire interpretações variáveis de acordo a interesses e visões específicas, moldados por atores prioritários e distintos que atuam diretamente nesse processo: os estudantes que evadem, os encarregados por políticas institucionais, e os responsáveis pelas políticas no plano nacional. O autor coloca também que para o estudante que abandona uma instituição de nível superior, “a questão da evasão deve ser referenciada aos seus objetivos de entrada. Portanto, segundo o ponto de vista do aluno, a evasão significa o fracasso em atingir os seus objetivos desejados ao entrar na instituição” (KIPNIS, 2000, p. 114). Já a partir da visão da instituição, Kipnis conclui que a “definição torna-se melhor observável quando o estudante deixa a instituição”, sem ter obtido o diploma. Nessa perspectiva, ele também observa que é importante diferenciar os casos de abandono daqueles ocorridos pelo funcionamento da instituição. Já para os gestores da educação superior no plano nacional, evasão é “só se o indivíduo deixou completamente o sistema de ensino” (KIPNIS, 2000, p. 115).

Outros autores referem-se à evasão no ensino superior por meio de termos correlatos, como “interrupção dos estudos”, “abandono dos estudos”, “permanência” e “fracasso”, a exemplo, Gaioso (2005) define o fenômeno como a interrupção nos ciclos de estudos em qualquer nível do ensino. Polidoro (2000) distingue duas vertentes: a evasão do curso sem a sua conclusão, e a evasão do sistema, que é o abandono do aluno do sistema universitário. A mesma autora considera o trancamento de matrícula como uma modalidade de evasão.

Sobre os dados de evasão na UFBA, o índice em 2011 foi de 47% (UFBA, 2011). Já nos cursos de Bacharelado Interdisciplinar, 38,3% dos alunos tem abandonado a graduação, sendo 38,9% do BI em Artes, 31,3% do BI em Ciência e Tecnologia, 38,8% do BI em Humanidades e 42% no BI em Saúde (ANDRADE, 2013).

Um estudo realizado na UFBA em 2012 trouxe dados relativos aos índices de diplomação, retenção e evasão na instituição no período de 1993 a 2010. Na pesquisa foram incluídos 53 cursos instalados até 2006, antes do Reuni, e os resultados mostraram que o

curso de engenharia de minas apresentou o maior índice de evasão (83,9%), sendo o curso de Medicina o menor índice (7,1%) (ANDRADE, 2013). Também um estudo do Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior em São Paulo (Semesp), instituições privadas, mostra que a taxa de evasão no ensino superior no Brasil foi cerca de 12% em 2007 e em 2011 foi para mais de 15%. No setor privado, responsável por 75% das matrículas de ensino superior, a evasão cresceu de 14% para 20% (O GLOBO, 2011).

Brandão (2012) também relata que cresce o número de alunos que se arrependem do curso ao qual prestaram vestibular e a evasão de cursos universitários tem aumentado. Quase metade dos alunos que entram na faculdade a cada ano no Brasil desiste do curso, gerando prejuízo não apenas pessoal, mas também social, afetando especialmente as instituições públicas, cujos recursos acabam por não ser adequadamente aproveitados.

As taxas de evasão e as dificuldades na escolha profissional se agravam quando se trata de jovem de origem popular, onde o acesso e permanência no ensino superior são mais difíceis, devido às desigualdades socioeducacionais (TEIXEIRA, 2011).

Os indicadores sociais do IBGE mostram que os jovens entre 18 e 24 anos mais pobres da população brasileira possuem em média 7,7 anos de estudo, enquanto que os mais ricos possuem 11,7 anos. Dos jovens matriculados nas universidades públicas, apenas 7,1% está entre os 20% mais pobres da população, sendo que 41% estão entre os 20% mais ricos (IBGE, 2012).

No entanto, Bastos (2005) afirma que nas últimas décadas houve um aumento da oferta de ensino médio público no Brasil, o que tem permitido o acesso de milhares de jovens de origem popular ao ensino superior que até então não tinham a oportunidade de cursá-lo. Esse fato também aumenta as chances desses jovens ingressarem no mercado de trabalho em profissões que exigem maior qualificação e facilita o processo de escolha profissional, apesar de que a efetivação da escolha vai depender de uma série de fatores. Entre eles, a falta de recursos financeiros para pagar um cursinho pré-vestibular ou uma faculdade, a necessidade de trabalhar em paralelo aos estudos, a impossibilidade de concorrer com igualdade com alunos oriundos de classes economicamente favorecidas, podem ter um peso decisivo na concretização de suas escolhas. Muitos desses jovens não escolhem sua ocupação ou profissão. A busca vocacional não é possível para eles. É possível apenas escolher a carreira que está mais acessível, mesmo que não seja o seu real sonho. O que acaba por determinar sua escolha profissional são fatores de natureza econômica e social como mercado de trabalho, importância social, remuneração, tipo de trabalho (braçal/intelectual) e as habilidades necessárias para o seu desempenho, que lhe darão as condições básicas de escolaridade, não

existindo espaço para determinantes vocacionais (LARA CAMPOS, 2006; BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1991).

Rivelis (2011) também coloca que não só no Brasil, mas também na Argentina, são muitas as pessoas excluídas da possibilidade de escolher, já que a situação econômica das famílias torna praticamente impossível que seus filhos possam refletir sobre a problemática da vocação. Ele afirma que muitas pessoas não têm acesso a esse tipo de conhecimento e isso deveria inspirar para que fossem tomadas medidas para que cada vez mais pessoas possam ter acesso a reflexão e poder exercer um direito fundamental do ser humano de escolher.

Na tentativa de melhorar o acesso ao ensino superior, têm sido criados programas governamentais como Programa Universidade para Todos (Prouni), o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Por se tratar de sistemas de financiamento de bolsas integrais ou parciais de estudo, bem como, no caso do REUNI, um sistema de apoio às universidades públicas federais no sentido de ampliar o acesso e a permanência no ensino superior, tais programas auxiliam as pessoas menos favorecidas economicamente para que possam vislumbrar estudar em uma universidade.

O Censo da Educação Superior, divulgado em 2013 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), trouxe dados da Pesquisa por Amostras em Domicílios (PNAD, 2011) sobre a ampliação do atendimento no nível de ensino superior ao longo da década. No período de 2010-2011, a matrícula em cursos de graduação nas universidades cresceu 7,9% na rede pública e 4,8% na rede privada, o que configura uma média de crescimento de 5,6% nas matrículas para o ensino superior. Os dados da PNAD revelam que a população entre 18 e 24 anos que frequenta ou já terminou a graduação são de 11,9% na região Norte, percentual idêntico no Nordeste, no Sudeste são 20,1%, que cresce no Sul (22,1%) e na região Centro-Oeste (23,9%) (INEP, 2012).

Com relação ao aspecto vocacional, este fica restrito aos serviços de orientação vocacional e profissional nos consultórios psicológicos ou em breves orientações em programas ofertados nas escolas, em sua maioria particulares. Não se trabalha a fundo esse tema na educação. Outro fator que dificulta muitas vezes o acesso à maioria das universidades brasileiras, além do fator econômico, é a forma de seleção, a exemplo o vestibular, um exame altamente excludente, feito para uma universidade elitista que não teria vagas para todos (BOAVENTURA; ALMEIDA FILHO, 2008).

Para Teixeira (1981), o vestibular não autoriza a entrada da esmagadora maioria que se submete a ele, refletindo as distorções e iniquidades da nossa sociedade. Ferretti (1992)

afirma que a derrota no exame do vestibular motiva a culpa, principalmente para os jovens de classes subalternas que não conseguem detectar as verdadeiras origens dos obstáculos que lhes são colocados. Isso acontece quando o contexto sócio-histórico é ignorado na compreensão dos determinantes na aprovação ou reprovação no vestibular e o sucesso ou fracasso é atribuído somente a aptidões individuais, fazendo com que o sujeito seja responsabilizado pela sua posição social. Nesse sentido, Bock e Aguiar (1995) defendem que a escolha ou não escolha profissional é parte de um processo dialético, no qual atuam muitos fatores individuais e sociais.

A fim de corrigir tais distorções, diversas alternativas para o ingresso no ensino superior foram e ainda estão sendo implementadas nos últimos anos, como processo seletivo: o Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), a avaliação seriada, os programas de cotas universitárias, como política de ação afirmativa (OLIVEIRA; SILVA, 2010). Contudo, ainda tem muito que avançar. Mesmo com todos os avanços ocorrendo nos meios de ingresso no ensino superior, este ainda continua inacessível a uma grande parcela da população.

Bourdieu (1998), em sua Teoria da Reprodução Cultural, em que discute o conceito de violência simbólica como algo que permeia a divisão social de classes e as condições materiais e ideológicas em que repousam, leva a reflexão de que as escolhas profissionais inserem-se nessa trama simbólica e a escolha de uma carreira ou de um trabalho confere uma identidade social significativa para o indivíduo ao permitir que ele contribua produtivamente para a comunidade.

Coulon (2008) fala da necessidade de abrir a “caixa preta” da seleção universitária e tentar ver, pela prática de uma etnografia de campo, como se fracassa, quais são os mecanismos e as conexões íntimas desse processo de seleção e de classificação social que distingue aqueles que permanecerão estudantes daqueles que serão excluídos.

Na UFBA, o sistema de seleção em 2014 foi através do Enem e do Sisu, o que já mostra uma iniciativa de mudança no sentido de uma maior democratização do acesso ao ensino superior e mobilidade acadêmica. No entanto, o Sisu traz novos desafios à psicologia vocacional, já que o estudante ao realizar a prova do Enem, tem a possibilidade de escolher entre os vários cursos que sejam compatíveis com sua nota no exame. Isso de certa forma pode dificultar a escolha vocacional/profissional, já que muitas vezes o jovem se conforma em fazer o curso que atingiu a nota para cursar, pois é uma oportunidade de ingresso na universidade, e deixa de lado aquele curso que era o seu sonho, ou a sua inclinação maior. Isso pode aumentar os índices de insatisfação na formação e como consequência de evasão.

Já os Bacharelados Interdisciplinares trazem para dentro da universidade uma escolha que antes se dava fora, o que também implica em novos desafios a Universidade Federal da Bahia, bem como a psicologia vocacional. Percebe-se que tem sido cada vez mais frequente a presença de psicólogos atuando em instituições de ensino superior.

Quanto aos fatores que influenciam na escolha vocacional/profissional, estão presentes tanto fatores intrínsecos ao indivíduo quanto extrínsecos. Ao escolher um curso universitário, o jovem se depara com uma série desses fatores, e ao escolher o BI, não é muito diferente, apesar desse curso não ter como objetivo a profissionalização, ele permite a permanência da busca vocacional. No próximo capítulo, serão descritos os fatores que influenciam na escolha vocacional/profissional. Optou-se em fazer uma descrição desses fatores para fundamentar a pesquisa no que tange aos fatores predominantes na escolha pelos Bacharelados Interdisciplinares.

## **4 OS FATORES PREDOMINANTES NA ESCOLHA VOCACIONAL/PROFISSIONAL**

Nesse capítulo serão abordados os fatores predominantes na escolha vocacional/profissional de jovens que almejam ingressar na universidade. É importante ressaltar que esses fatores são tanto intrínsecos quanto extrínsecos ao indivíduo, ficando difícil separar onde começa um e termina o outro. No entanto, para fins didáticos neste trabalho, foram classificados em fatores internos e fatores externos que envolvem a escolha vocacional/profissional.

### **4.1 FATORES INTERNOS DE QUEM ESCOLHE**

Os aspectos internos de quem escolhe uma profissão ou carreira, envolvem fatores vocacionais (habilidades, aptidões e capacidades); fatores emocionais; fatores pessoais e ligados ao sexo.

#### **4.1.1 Fatores vocacionais: habilidades, aptidões, capacidades**

Na escolha de carreira ou profissão, os jovens buscam considerar as aptidões, habilidades e aspectos vocacionais que julgam possuir para exercer as competências exigidas

pela carreira (RIBEIRO et al., 2011; MAGALHÃES et al., 2001; NATIVIDADE; BRASIL, 2006).

Essas tendências, segundo Torres (1998), são a resultante do processo de subjetivação do indivíduo, fruto do modo como aprendeu a se relacionar com seus objetos amorosos na infância, e do como organizou e estruturou a sua personalidade. Esse processo incidirá mais tarde na forma de vínculo estabelecido com os outros e possivelmente com a profissão que pleiteará (ALMEIDA; PINHO, 2008).

Termos como “índole vocacional” e “competência vocacional” são mencionados como importantes de se trabalhar com jovens em processo de escolha profissional, buscando estimular uma abordagem reflexiva dessas questões, já que muitas vezes a importância relativa desses aspectos não é considerada (FERREIRA; NASCIMENTO; FONTAINE, 2009). Nesse sentido, um indivíduo pode desenvolver competências que não possua, sendo que não existe uma “índole vocacional” que determina seu destino, pois ele pode aprender qualquer coisa que aplique sua vontade e dedicação (DUARTE, 2009).

#### **4.1.2 Fatores emocionais**

A indecisão vocacional apareceu nos artigos como um fator relevante na vida dos jovens (FARIA, 2013; SOARES et al., 2007; MAGALHÃES; ALVARENGA; TEIXEIRA, 2012; SANTOS, 2010; VALORE; CAVALLET, 2012; PEREIRA; GARCIA, 2007), que pode contribuir para o desenvolvimento de sentimentos de depressão, ansiedade, medo, insegurança, baixo autoconceito (VALORE; CAVALLET, 2012). Por indecisão vocacional entende-se a incapacidade de formular objetivos de natureza vocacional, quando se deveria assumir a responsabilidade pelas suas opções vocacionais (SANTOS, 2010).

Quanto às expectativas, ansiedade e sentimento de dúvida com relação ao futuro, os relatos de experiência voltada à orientação profissional para os filhos e dependentes dos trabalhadores de uma empresa apontaram que os jovens demonstraram expectativas positivas em relação ao futuro e à sua carreira profissional (BECKER; BOBATO; SCHULZ, 2012). Nessa direção, uma pesquisa realizada com formandos, de uma universidade federal brasileira, mostra que a expectativa dos jovens é de que com a formação universitária terão condições de se instrumentalizar não para um saber profissional, mas para as solicitações do mercado de trabalho (CARVALHO; TAVEIRA, 2012). A disputa por um lugar nesse mercado gera ansiedade e dúvidas nos jovens, (SOARES et al., 2007; SANTOS, 2005;

SELIG; VALORE, 2008; TORRES, 1998; SPARTA; BARDAGI; ANDRADE, 2005), além de preocupações em conciliar o trabalho futuro com satisfação, felicidade e qualidade de vida (SOARES et al., 2007).

Reconhece-se que ingressar nos cursos historicamente mais valorizados na universidade consiste em um desafio e existe insegurança pelo desconhecimento e desinformação sobre o mercado de trabalho. O medo do mercado se configura na necessidade de serem produtivos para a sociedade e para si mesmos e as escolhas estão fortemente articuladas com a realidade desse mercado, que está vinculada à carreira futura (DIAS; SOARES, 2012). Outro medo presente nos jovens é o de errar na escolha, relacionado com a falta de informação (VALORE; CAVALLET, 2012) e o medo do vestibular (SOARES et al., 2007).

Mesmo com todas essas questões emocionais, o jovem nem sempre procura investigar sobre si, confrontar com seus medos, ansiedades, limites reais ou fantasmáticos, elaborar seus lutos, pensar sobre seus relacionamentos interpessoais enquanto fonte de influência na decisão, tolerar a dor que porventura possa advir, assim como as ambivalências e sentimentos de culpa (TORRES, 1998).

#### **4.1.3 Fatores pessoais**

Os fatores pessoais colocados pelos autores foram inúmeros. Um deles diz respeito à definição de uma identidade vocacional, sendo esta delineada ao longo de sua vida, na medida em que o jovem vai tendo consciência das suas características de personalidade (ANDRADE; MEIRA; VASCONCELOS, 2002; BUENO; LEMOS; TOMÉ, 2004) dos processos intelectuais e interesses. Na medida em que constrói sua identidade pessoal, constrói também sua identidade ocupacional, processo que envolve aspectos inconscientes e conscientes, bem como forças motivacionais, regras e valores pessoais (TORRES, 1998; OLIVEIRA; NEIVA, 2013; SANTOS, 2010; PEREIRA; GARCIA, 2007; MELSERT; BICALHO, 2012).

A escolha vocacional/profissional é uma produção que reúne representações simbólicas, conjugadas às produções imaginárias, fantasiosas e ainda permeadas pelo real (TORRES, 1998). Ela é muitas vezes movida por fantasias, sonhos da infância, chamados de motivação precoce, onde estariam envolvidos elementos inconscientes (RIBEIRO et al., 2011; NATIVIDADE; BRASIL, 2006). De acordo com esses autores, a escolha do jovem é influenciada por aspectos do seu inconsciente, por suas experiências infantis que delinearam suas motivações atuais, onde ele próprio enquanto ser no presente, pouco tem autonomia de



escolha, sendo refém de seu passado e do que ficou armazenado em sua mente inconsciente, uma escolha, segundo Ribeiro e colaboradores (2011) e Torres (1998), que vem desprovida da própria vontade e desejo consciente do indivíduo.

Assim, o jovem pensa que escolhe, mas na verdade é escolhido pelo seu inconsciente. No entanto, o inconsciente é apenas um aspecto do ser humano, que vai ser mais ou menos determinante em suas escolhas, a depender do autoconhecimento e autodomínio do indivíduo. O ser humano é capaz de ser livre, ir além dos condicionamentos de sua mente e do meio ambiente em que está inserido.

Sobre a busca pela autonomia e independência na escolha, alguns autores colocam como um fator pessoal fundamental, que vem atrelada à exploração de si e ao autoconhecimento. A autonomia permite ao jovem fazer escolhas pautadas em seus próprios referenciais, filtrando influências externas à sua própria reflexão e liberdade de escolha (LASSANCE; BARDAGI; TEIXEIRA, 2009; OLIVEIRA; NEIVA, 2013). Ela está intimamente relacionada com a maturidade de carreira, que envolve responsabilidade, autoconhecimento, independência e exploração de si mesmo, bem como a disponibilidade para exploração vocacional e orientação profissional. Esses aspectos são pouco observados fora de contextos de orientação profissional seja em escolas ou consultórios psicológicos (LASSANCE; BARDAGI; TEIXEIRA, 2009; OLIVEIRA; NEIVA, 2013; ANDRADE; MEIRA; VASCONCELOS, 2002; BECKER; BOBATO; SCHULZ, 2012; LOBATO, 2003; TORRES, 1998; FARIA, 2013; MAGALHÃES, 2008; ALMEIDA; PINHO, 2008; KONIGSTEDT; TAVEIRA, 2010) até porque as escolhas tem se dado de maneira precoce, quando os alunos ainda não adquiriram uma maturidade

Alguns fatores ligados à autonomia do jovem, que interferem em sua escolha vocacional/profissional, são seus próprios interesses pessoais, preferências, gostos por uma ou outra área do conhecimento ou profissão (LUNA, 2012; MAGALHÃES, 2001; TORRES, 1998; NATIVIDADE; BRASIL, 2006; ALMEIDA; PINHO, 2008; TARTUCE; NUNESO; ALMEIDA, 2010; FARIA, 2013; BUENO; LEMOS; TOMÉ, 2004; LOUZADA; SILVA FILHO, 2008; PEREIRA; GARCIA, 2007; OLIVEIRA; NEIVA, 2013; SPARTA; BARDAGI; ANDRADE, 2005). Muitas vezes, o interesse por determinada profissão surge do envolvimento ou experimentação de atividades ligadas à área desejada (RIBEIRO et al., 2011; LOUZADA; SILVA FILHO, 2008). Outros fatores são a vontade, o esforço e o mérito pessoal. Porém, alguns autores colocam que há que se cuidar ao avaliá-los, pois, às vezes, o indivíduo não está acessando as condições adequadas para poder expressá-los, como é o caso

da baixa qualidade no ensino básico e médio, bem como limitações socioeconômicas (GABEL; SOARES, 2006; MELSERT; BICALHO, 2012).

As crenças subjetivas com relação à autoeficácia, às próprias aptidões, bem como ao autoconceito, também se traduzem nas escolhas vocacionais (COIMBRA; FONTAINE, 2010; LOBATO, 2003; VALORE; CAVALLET, 2012), assim como a preocupação com a satisfação no exercício do trabalho (MAGALHÃES et al., 2001; PEREIRA; GARCIA, 2007; TORRES, 1998; SOARES et al., 2007).

Outro fator de influência na escolha vocacional/profissional é o desempenho escolar no ensino básico e médio, bem como o comportamento do jovem nesse processo. Se o aluno teve um bom desempenho em determinada disciplina, tende a escolher profissões que contemplem-na (BARBOSA; LAMAS, 2012). A importância dada à escola e aos estudos em geral reproduzem chavões clássicos, repetidos por professores e pela sociedade, como: “estou estudando para ser alguém na vida” e “estou estudando para ter uma profissão”, que contradizem as crenças reais dos adolescentes (COSTA, 2007). Dentre outras coisas, podem indicar a incorporação de discursos naturalizados como o de que a escolha provém de uma “vocação” interior e inata e que “tem de ser certa” (segundo o princípio do “homem certo no lugar certo”) e “para a vida toda”, ignorando a condição de construção histórica dessa vocação (VALORE; CAVALLET, 2012).

Observou-se também a importância dada aos estudos no ensino superior, visto como uma necessidade para “ser alguém” (SPARTA; GOMES, 2005; ALMEIDA; PINHO, 2008; SOARES et al., 2007; COSTA, 2007). No entanto, muitas vezes os jovens não dão importância aos estudos superiores e se lançam ao vestibular por insistência dos pais e professores (SPARTA; GOMES, 2005).

#### **4.1.4 Sexo**

Quanto ao sexo, homens e mulheres demonstram, nas pesquisas, algumas diferenças de comportamento em relação à escolha vocacional/profissional (FARIA, 2013; CARVALHO, 2012; LOBATO, 2003; LASSANCE; BARDAGI; TEIXEIRA, 2009; SPARTA; BARDAGI; ANDRADE, 2005; MOURA; SILVEIRA, 2002).

Uma pesquisa realizada com 321 adolescentes portugueses, de ambos os sexos (190 moças e 131 rapazes), com idades entre 13 e 17 anos, mostrou que as filhas de pais desempregados têm mais segurança na exploração vocacional que os rapazes, mas estes

parecem crer mais na possibilidade de emprego na área preferida e atribuir importância maior à realização vocacional (FARIA, 2013).

Em outra pesquisa realizada com 468 jovens portugueses (270 moças e 198 rapazes) que frequentam um programa de orientação escolar e profissional, verificou-se que o sexo masculino revela, em média, mais interesse pelo trabalho com coisas (áreas das tecnologias e exterior) e o sexo feminino pelo trabalho com pessoas (áreas da comunicação, serviços e arte) (CARVALHO, 2012).

Um estudo realizado com 98 estudantes brasileiros do ensino médio (50 mulheres e 48 homens), com idades entre 17 e 19 anos, revelou que as mulheres especificam melhor sua opção ocupacional, demonstrando terem maiores informações sobre si mesmas e sobre as profissões. Entretanto, o processo de escolha da profissão masculina tende a ser mais fácil, pois além de sobressair-se no mercado de trabalho, a identificação com o modelo masculino pai-profissional permite um maior apoio por parte da família (LOBATO, 2003).

Outro estudo realizado com 176 jovens brasileiros (66,3% mulheres e 33,7% homens) com idades entre 14 e 22 anos, atendidos em um serviço universitário de orientação profissional revelou que as mulheres mostraram-se mais indecisas do que os homens, revelando uma maior ambivalência e insegurança ante a escolha. Ao mesmo tempo, tanto antes quanto depois da intervenção, mostraram-se mais preocupadas em fazer uma escolha profissional e mais engajadas em comportamentos exploratórios vocacionais do que os homens (LASSANCE; BARDAGI; TEIXEIRA, 2009).

Já um estudo feito com 59 alunos brasileiros de baixa renda (sendo 69,5% mulheres), com idades entre 16 e 48 anos, o sexo não apareceu como uma variável de influência sobre a exploração vocacional, não sendo observada diferença de sexo entre os níveis de informação percebida, tipos de critérios de escolha, dificuldades de decisão ou avaliação da pertinência de processos de orientação (SPARTA; BARDAGI; ANDRADE, 2005). Este dado aponta certa homogeneidade com relação tanto ao comportamento vocacional quanto às dificuldades enfrentadas para a escolha, corroborando com outros estudos nacionais e demonstra que as diferenças relacionadas ao sexo tendem a ser mais relacionadas às áreas de interesse profissional e a fatores como presença de ansiedade (BARDAGI, 2002; NACHTIGALL; BARDAGI; SPARTA, 2003).

## 4.2 FATORES EXTERNOS A QUEM ESCOLHE

Os fatores externos que interferem na escolha vocacional/profissional, referem-se aos aspectos do sócio-culturais do ambiente em que o jovem se desenvolve, como: aspectos da contemporaneidade; instituições de ensino; serviços de orientação vocacional/profissional; status social; família; amigos; fatores sociais e políticos; fatores socioeconômicos;

### 4.2.1 Aspectos da contemporaneidade

A escolha vocacional/profissional não se trata apenas da identificação de características pessoais, de perfis, de âncoras de carreira, paixões e espíritos. Além desses aspectos idiossincráticos, precisa ser compreendido diferentes perspectivas, incluindo-se as macrosociais (LUNA, 2012). Portanto, conhecer o contexto contemporâneo é importante para identificar essas perspectivas. A contemporaneidade permite ao indivíduo a liberdade de escolha e a elaboração de um projeto de vida reflexivo, constantemente repensado, de acordo com as transformações e necessidades que possam surgir. No entanto, ele está se desenvolvendo em um contexto mais amplo e sofre influência das diversas esferas nele presentes: o meio social, a família e fatores como classe, geração, sexo, dentre outros, possuem papel fundamental nesse processo. Portanto, existe um paradoxo na construção de projetos de vida na sociedade contemporânea, sob a influência familiar e social (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011).

Além disso, os novos problemas colocados pela globalização e pelas profundas mudanças tecnológicas, com as consequentes implicações nas formas como e onde as pessoas trabalham e têm acesso a oportunidades formativas e profissionais, a interdisciplinaridade na teorização e na prática dos problemas vocacionais, tem interferido significativamente na escolha vocacional/profissional (LOUZADA; SILVA FILHO, 2008). Como exemplo, o atual contexto de trabalho do mundo pós-moderno-complexo, imprevisível, exigente e determinante de várias mudanças nos modos de ser e de viver das pessoas (MUNHOZ; MELO, 2011), os valores incentivados pela lógica neoliberal, tais como a autonomia ou a empregabilidade, em um mercado cada vez mais concorrido (SOARES et al., 2007; DIAS; SOARES, 2012; PEREIRA; GARCIA, 2007), e as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na informação profissional (ESBROGEO; MELO, 2012).

#### **4.2.2 As instituições de ensino**

As escolas apareceram nas pesquisas dos autores analisados como peça chave no processo de escolha vocacional/profissional. Tanto no que diz respeito às concepções tradicionais, disciplinares e meritocráticas sobre a educação no ensino médio, que ainda valorizam o desempenho do aluno sem considerar seu contexto histórico e social, quanto ao comportamento de alguns professores que são descritos pelos jovens como desinteressados e sem habilidade para transmitir o conhecimento, o que acaba prejudicando a aprendizagem (COSTA, 2007; MELSERT; BICALHO, 2012; BECKER; BOBATO; SCHULZ, 2012; SELIG; VALORE, 2008; PEREIRA; GARCIA, 2007; FERREIRA; NASCIMENTO; FONTAINE, 2009; CARVALHO, 2009; IVATIUK; AMARAL, 2004). Além disso, a falta de trabalhos de orientação vocacional/profissional desde as séries iniciais do ensino médio, contínuos e eficazes e em conjunto com psicólogos, sem disputa de poder entre educadores e esses profissionais, são pontos importantes que interferem na escolha vocacional/profissional.

#### **4.2.3 Serviços de orientação vocacional/profissional**

Os serviços de orientação vocacional/profissional, tanto nas escolas quanto em consultórios na modalidade individual ou em grupo, são descritos nos artigos como extremamente necessários para auxiliar os jovens no processo de decisão vocacional (AGUIAR; CONCEIÇÃO, 2011), na elaboração de medos, ansiedade, inseguranças, dúvidas, conflitos (SELIG; VALORE, 2008), auxiliando-o a pensar sobre as influências sociais e familiares na escolha, a diferenciar o que faz parte do seu desejo e o que é do desejo da família, tornando-o mais consciente das diferentes dimensões que estão em jogo em seu processo de escolha profissional (AGUIAR; CONCEIÇÃO, 2011; OLIVEIRA; NEIVA, 2013). Assim, para esses autores, a orientação profissional é capaz de interferir na maturidade de carreira, autoconhecimento, autonomia (BARDAGI; TEIXEIRA, 2009; OLIVEIRA; NEIVA, 2013), assim como contribuir para a não alienação, seja num sentido amplo (social), ou a pessoal (TORRES, 1998). Ela amplia o conhecimento da realidade educativa e socioprofissional e identidade vocacional-ocupacional (OLIVEIRA; NEIVA, 2013).

#### **4.2.4 Status social**

O status das profissões é considerado nos artigos pesquisados um fator bastante relevante na escolha dos jovens por uma carreira profissional. Principalmente naqueles que aspiram carreiras como Medicina (RIBEIRO et al., 2011) e os cursos mais valorizados historicamente (DIAS; SOARES, 2012; COSTA, 2007; TORRES, 1998; ALMEIDA; PINHO, 2008). Apareceram também fatores predominantes na escolha o desejo de constatar seu “poder de cura” em estudantes de Psicologia (MAGALHÃES, 2001) e o prestígio social em Bombeiros (NATIVIDADE; BRASIL, 2006). Este último é interessante ressaltar, já que normalmente a profissão de bombeiro não é muito valorizada no Brasil. No entanto a pesquisa realizada pelos autores com 391 bombeiros militares da cidade de Florianópolis, em Santa Catarina, revelou que os sujeitos se realizam profissionalmente devido ao conteúdo de sua profissão. Eles consideram que a população civil tem uma boa imagem de sua profissão, pois estão sempre prontos a atender, são educados, úteis na sociedade, como heróis.

Quanto ao fato de ser portador de um diploma, Dias e Soares (2012) observam que em jovens menos favorecidos economicamente, os diplomas retêm seu valor histórico e social simbólico, tendo um sentido múltiplo como condição de status social, de mobilidade e de melhores possibilidades de futuro e de carreira.

#### **4.2.5 Família**

Os artigos que descrevem a influência da família (MAGALHÃES, et al., 2001; SILVA, 2004; SANTOS, 2005; COSTA, 2007; ALMEIDA; PINHO, 2008; VALORE; CAVALLET, 2012; OLIVEIRA; NEIVA, 2013), em especial, dos pais (SANTOS, 2010; BECKER; BOBATO; SCHULZ, 2012; NATIVIDADE; BRASIL, 2006; GRAMANI; SCRICH, 2012; MOURA; SILVEIRA, 2002), na escolha vocacional/profissional de jovens, constituem o maior número de publicações encontradas e analisadas nesse estado da arte. A opinião dos pais pode gerar dúvidas ou maior segurança na escolha. Quando eles apoiam a inclinação de escolha, o jovem se sente seguro, e, quando não apoiam, se sente inseguros (SANTOS, 2005; SOUZA; LASSANCE, 2010). Daí a importância dos pais trabalharem seus próprios medos, ansiedades e inseguranças, para poder dar suporte adequado aos filhos (ALMEIDA; PINHO, 2008).

Os pais influenciam na autonomia, prazer pelo estudo e sucesso na área escolhida, oferecem oportunidades e experiências, colaboram com a escola, propiciam sentimentos de aprovação (CARVALHO, 2009).

A participação dos pais no desenvolvimento de carreira dos filhos se inicia na infância e permanece até a conclusão da graduação. Além disso, existem três níveis de influência: diálogo, apoio emocional e material, e influência pelo exemplo (OLIVEIRA; DIAS, 2013).

A situação de desemprego dos pais também influencia nas escolhas, no que diz respeito à indecisão vocacional, sendo esta mais elevada principalmente nos rapazes. As moças apresentam maior segurança na exploração vocacional/profissional, no entanto, os rapazes de pais empregados parecem crer mais na possibilidade de emprego na área preferida e atribuir importância maior à realização vocacional do que as moças filhas de pais empregados (FARIA, 2013).

Um aspecto que se relaciona com a indecisão vocacional é a instabilidade de metas, sendo esta mais presente em jovens que tiveram uma educação com práticas negligentes. Já os que tiveram uma educação autoritativa, demonstraram maior estabilidade de metas e menos indecisão vocacional (MAGALHÃES; ALVARENGA; TEIXEIRA, 2012).

Pesquisa mostra que o nível educacional dos pais interfere na escolha profissional dos filhos. Os pais que tem até o ensino médio tendem a ter filhos que se interessaram por áreas que caracterizam profissões reconhecidamente tradicionais, como Engenharia, Medicina e Jornalismo (MELSERT; BICALHO, 2012).

A profissão dos pais também se apresenta como fator de influência na escolha dos filhos. A profissão da mãe foi ligeiramente mais influente para as garotas, ainda que a influência seja próxima à da profissão do pai. Já para os rapazes, a profissão do pai tem mais influência que a da mãe (KONIGSTEDT; TAVEIRA, 2010). Para alguns atores, seguir o projeto profissional familiar proporciona a segurança de ser aceito na família e a possibilidade de perpetuar o legado das gerações ascendentes (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011).

#### **4.2.6 Amigos**

Os amigos foram também descritos por alguns autores como de grande influência na escolha vocacional/profissional de jovens (SANTOS, 2005; BECKER; BOBATO; SCHULZ; 2012; TORRES, 1998; NATIVIDADE; BRASIL, 2006; SOUZA; LASSANCE, 2010). Quando estes não aprovam a escolha, ridicularizam sua opinião, tendo um peso significativo na decisão profissional dos jovens (COSTA, 2007).

Para Silva (2004), os amigos propiciam a troca de ideias, o que facilita a reflexão crítica acerca da opção realizada. Boa parte dos jovens não percebe que influenciam a escolha profissional de seus amigos, nem percebe que estes influenciam a sua. No entanto, a maioria dos estudantes assumiu que os amigos são valorizados como fonte de apoio emocional e troca de informações sobre a opção estudada. Isso mostra que mesmo não reconhecida pelo indivíduo, a amizade exerce um papel importante no processo de escolha profissional através da cooperação.

#### **4.2.7 Fatores sociais e políticos**

Vários fatores sociais e políticos interferem na escolha vocacional/profissional (SILVA, 2004; SANTOS, 2005; MELSERT; BICALHO, 2012; GABEL; SOARES, 2006), dentre eles as realidades psicossociais (LOUZADA; SILVA FILHO, 2008; COSTA, 2007), culturais (MELSERT; BICALHO, 2012) religiosas (ALMEIDA; PINHO, 2008) os estereótipos de normalidade, anormalidade (VALORE, 2010), a gravidez indesejada (SANTOS, 2010), os padrões e regras instituídas coletivamente, a comunidade ou supra-sistema, no qual o indivíduo vive (GABEL; SOARES, 2006), os padrões instituídos coletivamente (NORONHA; OTTATI, 2010).

Os meios de comunicação são considerados por Silva (2004) determinantes sociais da escolha profissional, de ordem abstrata, que tendem a atrelar a realização humana ao dinheiro e ao status. Nesse sentido, o marketing educacional alimenta e reforça valores como o individualismo e a competitividade, responsabilizando unicamente o indivíduo pelo sucesso na vida. Tais valores veiculados permeiam a gama de relações em que o sujeito se constitui, subjetivando significados na constituição de sentidos sobre trabalho e sociedade, o que interfere na escolha da profissão. É comum ver, nas novelas e em programas de TV, a exibição de personagens que encarnam estereótipos profissionais, deixando-se passar despercebido o contexto real do exercício de cada um desses papéis profissionais, o que contribui para a construção de ideias equivocadas ou preconceituosas sobre profissões e sobre o próprio mercado.

De acordo com Melsert e Bicalho (2012), as instituições educativas tem uma função política, como promotoras de mudanças e rupturas no que está instituído, cristalizado, abrindo possibilidades de novas configurações no campo da psicologia e da educação, a partir da produção de escolhas que engendrem modos inéditos, singulares, de existência.



Portanto, há a necessidade de uma política mais abrangente que auxilie os jovens na inserção na vida adulta e profissional de modo mais coerente e seguro. Urge pensar em formas de expandir a orientação vocacional para além dos consultórios psicológicos, levando-a a fazer parte da vida de todos na sociedade (AGUIAR; CONCEIÇÃO, 2011).

A falta de informações coerentes sobre cursos e profissões (SOARES et al., 2007; AGUIAR; CONCEIÇÃO, 2011; VALORE; CAVALLET, 2012; KONIGSTEDT; TAVEIRA, 2010; LOBATO, 2003) consiste em um dos fatores que dificulta a escolha vocacional/profissional (SOARES et al., 2007; SPARTA; BARDAGI; ANDRADE, 2005; VALORE; CAVALLET, 2012).

#### **4.2.8 Fatores econômicos**

Fatores socioeconômicos interferem consideravelmente na escolha vocacional/profissional dos jovens (SILVA, 2004; COSTA, 2007; MELSERT; BICALHO, 2012; GRAMANI; SCRICH, 2012; ALMEIDA; PINHO, 2008; VALORE; CAVALLET, 2012) dificultando as possibilidades de acesso ao ensino superior, bem como o processo de escolha profissional (SOARES et al., 2007; ALMEIDA; PINHO, 2008; VALORE; CAVALLET, 2012).

A diferença na escolha, detectada entre jovens da classe média e os da favela, está na preocupação de familiares e professores de jovens da favela sobre o que eles farão no futuro, sobre a necessidade de lembrá-los de que precisam escolher uma profissão, pois esta preocupação parece não estar neles diretamente, mas nas pessoas que acreditam e investem neles. Muitas vezes, a família desses jovens não pode investir em seus estudos e eles precisam colaborar no sustento da casa, tendo de conciliar estudos e trabalho ou desistir dos estudos (COSTA, 2007). Esses jovens possuem graus muito limitados de liberdade de escolha, pois sua condição de classe os leva a percorrer caminhos em que a necessidade supera a própria vontade (BASTOS, 2005).

Por vezes, esses jovens escolhem uma profissão, porque foi a única oportunidade de emprego que surgiu ou porque oferece uma boa remuneração e possibilidade de crescimento dentro da carreira, como é o caso de alguns jovens que optaram pela carreira de bombeiro (NATIVIDADE; BRASIL, 2006). Portanto o poder aquisitivo que a profissão propiciará é considerado um fator importante na escolha dos adolescentes (PEREIRA; GARCIA, 2007).

Nesse sentido, observa-se que muitos jovens estão ingressando nos BI com o intuito de frequentar cursos mais concorridos e de maior prestígio social, como é o caso de Medicina e

Direito, movidos pela crença que esses cursos promovem uma ascensão econômica, maiores oportunidades no mercado de trabalho e uma vida mais confortável. A seguir, no capítulo 5, será discorrido sobre os BI, sua implantação, seu funcionamento e suas possibilidades, e em seguida será exposto sobre a pesquisa realizada com os estudantes dos BI sobre os fatores predominantes em sua escolha pelo curso.

## **5 OS BACHARELADOS INTERDISCIPLINARES NA UFBA**

Na UFBA, o panorama de 2002 a 2006 era de uma arquitetura curricular ambígua, diversificada em nomenclaturas e natureza de currículos de graduação, engessada, rígida de pré-requisitos e possibilidade de mobilidade interna e reduzida articulação com os campos do saber. O ingresso aos cursos era através do vestibular, como única possibilidade de acesso ao ensino superior. Além disso, a formação acadêmica e profissional de pós-graduação mostrava-se pouco articulada com os outros níveis de educação universitária. Havia problemas de estrutura e funcionamento dos cursos de graduação o que já apontavam a necessidade de reestruturação desses cursos. Não existiam propostas curriculares inovadoras, em decorrência da incompatibilidade entre tais propostas e as regras de classificação, organização e oferecimento de componentes curriculares, bem como de formas de avaliação, então vigentes na instituição. O modelo brasileiro de educação superior continuava orientado para uma especialização precoce em certos campos do saber, que tem como foco competências específicas para uma formação profissional. Esse modelo dificulta a circulação de estudantes entre cursos, impede quase que totalmente o aproveitamento de créditos, e como consequência a mobilidade estudantil intra ou interinstitucional (ALMEIDA FILHO, 2010).

Tendo em vista essa realidade, em 2006 foi construído pela reitoria da UFBA um programa de trabalho focado na reestruturação curricular, com a intenção de buscar fomentar uma verdadeira reforma universitária. Um dos itens do programa foi chamado de UFBA Nova, fazendo referência ao movimento da Escola Nova que, na década de 1920, sob a liderança de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, preconizava uma renovação radical em todos os níveis de ensino no Brasil. Uma série de discussões entre docentes e reitores, fizeram o projeto UFBA Nova rapidamente tomar forma e em setembro de 2006, foi apresentado formalmente ao Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) e ao Conselho Universitário (Consuni), órgãos máximos de deliberação da UFBA. Mais tarde esse projeto ficou conhecido como Universidade Nova (UFBA, 2008).

A proposta da Universidade Nova pretende dotar a universidade brasileira de uma estrutura curricular interdisciplinar, flexível, abrangente de cursos de graduação, articulada à pós-graduação, que permite ter uma arquitetura acadêmica compatível com regimes modulares de formação em ciclos. O novo modelo previa uma educação superior modular, flexível e progressiva, com mobilidade intra e interinstitucional, a ser implantada gradualmente, garantindo, nessa transição, articulação e mobilidade com o modelo de progressão linear atualmente vigente.

A introdução do regime de ciclos implicaria ajuste da estrutura curricular tanto dos cursos de formação profissional quanto da pós-graduação. Além disso, novas modalidades de processo seletivo seriam necessárias, tanto para o primeiro ciclo quanto para as opções de prosseguimento da formação universitária posterior. Dessa forma, pretendia-se construir no Brasil um modelo de educação superior compatível, no que for pertinente para o contexto nacional, com o modelo norte-americano (de origem flexneriana) e com o modelo unificado europeu (Processo de Bolonha) sem, no entanto, significar submissão a qualquer um desses regimes de educação universitária (BOAVENTURA, ALMEIDA FILHO, 2008).

Portanto, o modelo da Universidade Nova é uma proposta diferente do modelo mundial de universidade corporativa, mercantilista dos últimos anos, que, segundo Boaventura (2005), tem como pressupostos fundamentais: a sociedade como mercado, o ensino superior sendo tratado como uma mercadoria, a função institucional principal da universidade correspondendo à produção de diplomas e patentes, muito diferente da função real de uma universidade.

Os Bacharelados Interdisciplinares surgem na UFBA em 2009, como uma proposta de inovação do ensino superior, de acordo a ideia do projeto Universidade Nova, atendendo às diretrizes do Reuni, programa governamental que acabava de ser estabelecido concomitantemente, pelo Decreto Presidencial n.6093/07, assinado pelo presidente Lula em Abril de 2007. As diretrizes do Reuni foram:

- I – redução das taxas de evasão, ocupação de vagas ociosas e aumento de vagas de ingresso, especialmente no período noturno;
- II – ampliação da mobilidade estudantil, com a implantação de regimes curriculares e sistemas de títulos que possibilitem a construção de itinerários formativos, mediante o aproveitamento de créditos e a circulação de estudantes entre instituições, cursos e programas de educação superior;
- III – revisão da estrutura acadêmica, com reorganização dos cursos de graduação e atualização de metodologias de ensino-aprendizagem, buscando a constante elevação da qualidade;
- IV – diversificação das modalidades de graduação, preferencialmente não voltadas à profissionalização precoce e especializada;
- V – ampliação de políticas de inclusão e assistência estudantil;

VI – articulação da graduação com a pós-graduação e da educação superior com a educação básica (BRASIL, 2007).

A fim de concretizar essas diretrizes e as ideias do movimento Universidade Nova, foi criado o Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC) na UFBA, que abriga os cursos de Bacharelados Interdisciplinares (BI), subdivididos em quatro áreas do conhecimento – Artes, Ciência e Tecnologia, Humanidades e Saúde, além de dois cursos de pós-graduação de natureza multidisciplinar, o Pós-Cultura e o Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade (EISU). Ao homenagear o geógrafo e professor Milton Santos, nomeando o Instituto, o IHAC também compartilha de seu pensamento, juntamente a outros teóricos, como Anísio Teixeira, Edgard Morin e Boaventura de Souza Santos, que em muito contribuíram para a atualização e a formação do conhecimento sobre a universidade e sua relação com a sociedade (UFBA, 2014).

O IHAC tem como proposta unir conhecimentos e ter uma visão ampla e consciente da complexidade humana, entendendo que a fragmentação das ciências, ao longo dos anos, vem repercutindo numa multiplicação de campos disciplinares e na segmentação das diferentes formas de apreensão e compreensão do mundo. O IHAC mantém diálogos com as outras unidades universitárias da UFBA, tanto para o reconhecimento de suas atividades acadêmicas, quanto na busca por parcerias convergentes a um mesmo ideal democrático de universidade pública, gratuita e de qualidade (UFBA, 2014). Dentro dessa proposta, os BI são uma nova modalidade de cursos universitários que englobam uma formação geral humanística, científica e artística, promovendo uma reforma curricular. Eles estão estruturados de forma a compor o primeiro ciclo da formação acadêmica, onde posteriormente, nos ciclos seguintes, o estudante poderá seguir uma formação profissional ou de pós-graduação. O modelo de formação em ciclos já é realidade no ensino superior norte-americano e europeu. No Brasil, esse modelo está ganhando espaço e começando a ser implantado através dos BI. Como tudo que é novo, provoca questionamentos da sociedade e da universidade.

A implantação dos BI provocou uma ampla discussão e forte resistência de segmentos políticos da UFBA, o que gerou a oferta de dois modelos curriculares na universidade: o tradicional, de ingresso direto em cursos de formação especializada ou profissionalizante, e o de ciclos, a partir do ingresso nos BI.

O primeiro ciclo de formação dentro no novo modelo proposto são os Bacharelados Interdisciplinares (BI), que contemplam uma formação geral.

O segundo ciclo contempla a formação profissional específica, nos atuais cursos de progressão linear (CPL), a exemplo, cursos de Direito, Medicina, Engenharia, Jornalismo, dentre outros.

O terceiro ciclo confirma e integra a formação acadêmica em nível de pós-graduação, com cursos de mestrado e doutorado.

De acordo ao projeto pedagógico (UFBA, 2008), os BI são ofertados em quatro modalidades, de acordo as grandes áreas do conhecimento – Artes, Ciências e Tecnologias, Humanidades, Saúde. Cada modalidade serve como pré-requisito para progressão aos ciclos seguintes e constitui uma formação com terminalidade própria, ou seja, após o seu fim o estudante recebe um diploma de bacharel. A duração total dos BI prevista é de 3 anos, com a carga horária de 2400 horas.

As figuras 1 e 2, extraídas do Projeto Pedagógico dos BI (UFBA, 2008), ilustram a estrutura curricular dos BI:

**Figura 1 – Estrutura Curricular dos BI**

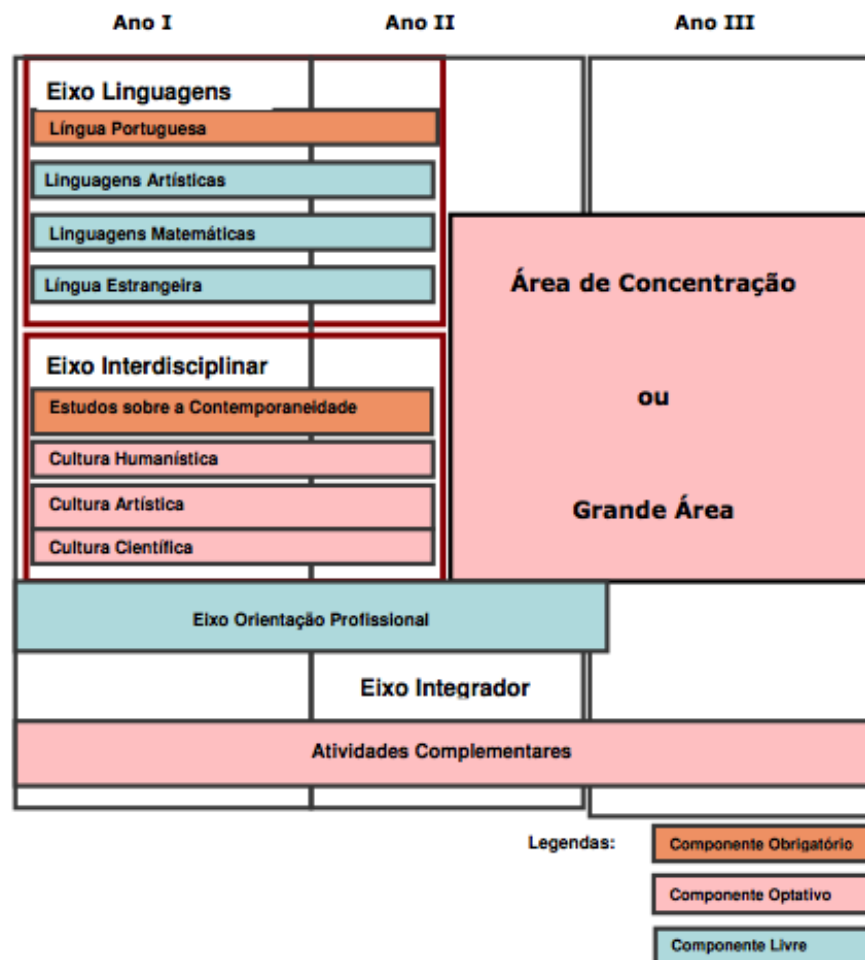


Figura 2 – Estrutura curricular dos BI, por etapa de formação.

ETAPA	EIXO	MÓDULO	COMPONENTE CURRICULAR	C.H.
FORMAÇÃO GERAL	LINGUAGENS	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa, Poder e Diversidade	68
			Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa	68
			Oficina de Textos Acadêmicos e Técnicos	68
		Língua Estrangeira	Inglês/Francês/Espanhol/Alemão/Italiano	livre
		Linguagens Matemáticas	(elenco de disciplinas)	livre
		Linguagens Artísticas	Obrigatória p/ Artes e facultativa p/ as demais áreas.	livre
	INTER-DISCIPLINAR	Estudos sobre a Contemporaneidade	Dois componentes de 68 h	136
		Formação nas Três Culturas	Cultura Artística	238
			Cultura Humanística	
	Cultura Científica			
<b>SUBTOTAL DE FORMAÇÃO GERAL</b>		<b>Mínimo: 500 horas</b>		
FORMAÇÃO ESPECÍFICA	EIXO ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL	Oficinas de orientação de carreiras e/ou apresentação de áreas	livre	
	EIXO ESPECÍFICO	Grande Área	Min. 1.200	
Área de Concentração				
<b>EIXO INTEGRADOR</b>		Atividades Complementares	100	
<b>CARGA HORÁRIA TOTAL</b>			<b>2.400</b>	

Fonte: UFBA, 2008

Como mostram as figuras, os BI são estruturados em cinco eixos curriculares: eixo das linguagens, eixo interdisciplinar, eixo da orientação profissional, eixo de formação específica e eixo integrador. Esses eixos podem ser cursados em paralelo, distribuídos numa duração mínima de 6 meses. Trata-se no geral de uma estrutura modular, interdisciplinar, flexível e progressiva, com garantia de mobilidade intra e inter-institucional.

A estrutura do BI compõe-se de duas etapas de formação, estruturadas em eixos e módulos, que se distinguem quanto à função que exercerão na formação acadêmica dos alunos. Uma etapa de formação geral e uma de formação específica. A etapa de formação geral é destinada a promover competências e habilidades que permitam a compreensão pertinente e crítica da realidade natural, social e cultural. Esta etapa possui uma carga horária aproximada de 500 horas e é composta de dois eixos, formados por blocos de componentes curriculares que são: eixo linguagens (composto por língua portuguesa, língua estrangeira, linguagens matemáticas e artísticas) e eixo interdisciplinar (estudos sobre a

contemporaneidade, formação nas três culturas – humanística, artística e científica). Dentro dos eixos, há módulos obrigatórios e optativos, e os estudantes dos diferentes BI convivem entre si (UFBA, 2008).

A etapa de formação específica é destinada a proporcionar o aprofundamento num dado campo do saber teórico-prático, profissional disciplinar, multidisciplinar ou interdisciplinar. Esta etapa possui um mínimo de 1.200 horas é composta pelos eixos específico e profissional. O eixo específico subdivide-se em grande área e área de concentração. Na grande área, o estudante terá uma matriz curricular mais generalista e com um elevado número de componentes livres. Constitui a opção do jovem que quer se tornar um bacharel em uma das quatro modalidades dos BI e é composta por no mínimo 400 horas. Já área de concentração terá acesso a disciplinas e atividades necessárias ao aprofundamento em campos de saberes e práticas, não é obrigatória (UFBA, 2008).

O eixo orientação profissional tinha como objetivo central auxiliar os estudantes em suas escolhas durante seu percurso na universidade. Este eixo tinha a proposta de ser “constituído por um conjunto de componentes curriculares que têm como finalidade oferecer uma visão panorâmica das diversas áreas básicas do conhecimento e das profissões” (UFBA, 2008, p. 33) e também oficinas de orientação e desenvolvimento de carreiras realizadas por docentes dos BI. No entanto, em 2010, esse eixo foi revisto e surge uma proposta de implantação da orientação acadêmica (UFBA, 2010), a qual desloca o olhar, antes centrado na carreira profissional, para uma perspectiva mais próxima da pedagogia da afiliação discutida por Coulon (2008) e pelos estudos do Observatório da Vida Estudantil (OVE) da UFBA (SANTOS, 2014). Somado a isso, surge a expectativa da orientação como um fator positivo para a permanência do estudante na universidade, já que pode ter o suporte do professor tutor para minimizar as dificuldades pedagógicas e profissionais (UFBA, 2010).

O fato de um professor do IHAC ficar como responsável e condutor do processo tem sido visto por Matos e Sampaio (2013) como um problema dessa proposta, pois corre o risco do professor realizar a orientação a partir de sua formação acadêmica e poderá tanto aproximá-la das atividades de iniciação científica e extensão como recorrer aos especialistas, como serviços de pedagogia e psicologia. Para os autores, historicamente, o olhar desses profissionais está mais voltado aos aspectos emocionais problemáticos e de dificuldades de aprendizagem, do que na orientação como instrumento de afiliação, o que poderia desviar o objetivo real da proposta da orientação acadêmica.

Além dos eixos específico e orientação acadêmica, há um eixo integrador, constituído pelas atividades complementares de pesquisa, extensão, estágio, programas especiais, cursos

livres, disciplinas de graduação e de pós-graduação, Atividade Curricular em Comunidade (ACC), atividade curricular em instituição e quaisquer eventos de natureza acadêmica. Esse eixo tem como função a articulação das duas etapas de formação, geral e específica, e tem a carga horária de 360 horas (UFBA, 2008).

Quanto ao perfil dos alunos que almejam ingressar no BI, este deve ser mais aberto, com interesse em formação na cultura universitária e o desejo de vivenciar a educação para além da carreira profissional. A perspectiva é que o egresso seja um sujeito capaz de “realizar uma leitura pertinente, sensível e crítica da realidade natural e humana em que está inserido...”, estando apto a enfrentar as exigências do mundo do trabalho, em ocupações diversas que conjuguem competências e habilidades gerais e específicas (UFBA, 2008, p. 24).

Por fim, apesar de os BI serem uma modalidade de graduação que provoca mudanças na arquitetura curricular, há muitos questionamentos que são feitos sobre sua proposta, pelo fato desses cursos preverem muitas diretrizes que compõe o Reuni, dentre elas a diversificação das modalidades de graduação, preferencialmente não voltadas à profissionalização precoce e especializada. Além disso, a implantação de uma formação em ciclos nas universidades brasileiras surge em um contexto marcado pela expansão das matrículas na educação superior, o que vem gerando turmas com muitos alunos, que pode repercutir na queda da qualidade, e que essa expansão vem para atender às exigências das novas dinâmicas de empregabilidade da economia mundial, não havendo uma real preocupação com a democratização do acesso ao ensino superior.

Alguns autores como Lima; Azevedo; Catani (2008), Tonegutti; Martinez (2010), Mourão (2011), Brito; Heiden (2011) observam que o Reuni veio para atender as exigências internacionais do mercado global e que tem um objetivo meramente material de aumentar o número de alunos nas universidades federais, sem se preocupar com a qualidade do ensino superior. Já outros autores Melo; Melo; Nunes (2009), Costa; Costa; Barbosa (2013), Prestes; Jezine; Scocuglia (2012) e Hansen e colaboradores (2012) vêem o Reuni como um programa efetivo, que vem alcançando a meta de expansão universitária com qualidade e afirmam que ele deveria se tornar uma política permanente, vindo juntamente com a construção de um espaço público (BAPTISTA, et. al, 2013).

Os Bacharelados Interdisciplinares da UFBA constituem uma proposta nova de graduação, em que o aluno pode ingressar no ensino superior e ter um tempo maior para definir a sua escolha vocacional/profissional, podendo construí-la ao longo do curso, pois não se trata de um curso de progressão linear (CPL) ou profissionalizante, a exemplo os cursos de Direito, Medicina, Psicologia, Administração, Engenharia, dentre outros, mas de um curso de



formação geral e interdisciplinar, que permite o contato com várias áreas do conhecimento como Humanidades, Artes, Saúde, Ciência e Tecnologia, antes da realização de uma escolha vocacional/profissional.

O estudante do BI também pode optar em não seguir um curso de CPL e ingressar diretamente em uma formação de pós-graduação ou se lançar no mercado de trabalho em cargos que não exijam formação em área específica. No entanto, embora tenha um tempo maior para definir uma profissão e possa trilhar diversos caminhos na busca de sua vocação, o ingressante nos BI, ao optar em fazê-lo, sofre influências e motivações vindas dos pais, pares, mídia, dentre outros, tanto quanto o ingresso em um curso de CPL, só que estas podem apresentar nuances diferentes.

## **6 MÉTODO**

Para a investigação dos fatores predominantes na escolha dos estudantes ingressos pelos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA, foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa através da aplicação de entrevistas semiestruturadas e grupos focais. Gaskell (2002) faz referência a duas dessas técnicas: entrevista em profundidade (com um único respondente) e grupos focais (com um grupo de respondentes), e afirma que a entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. Portanto, é uma ferramenta adequada para a investigação de pontos de vista sobre fatos ou perspectivas que as pessoas têm, ideal para a presente pesquisa.

Sendo assim, as entrevistas em profundidade foram realizadas com 23 estudantes ingressos nos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA em 2014.1, sendo 7 do BI de Saúde, 6 do BI de Humanidades, 5 do BI de Artes e 5 do BI de Ciência e Tecnologia. Esses estudantes foram abordados no momento da sua matrícula no BI e convidados pelo pesquisador a participarem da entrevista por alguns minutos. Após a aceitação do convite, foi entregue aos entrevistados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que tivessem o conhecimento de que se tratava a pesquisa, bem como sobre as suas implicações éticas, de acordo com a Resolução de Pesquisa com seres humanos (Resolução 196/96).

Foram realizados também 3 grupos focais, contendo estudantes das várias modalidades de BI e de variados semestres, ou seja, grupos heterogêneos, sendo 2 grupos com 4 participantes e 1 grupo com 9. O total de entrevistados nos grupos focais foi de 7 no BI de Saúde, 4 no BI de Humanidades, 3 no BI de Artes e 3 no BI de Ciência e Tecnologia. Os

participantes foram convidados em sala de aula a participar da pesquisa, após o término de sua aula, sendo solicitado voluntários de cada BI. Para isso, o pesquisador foi nas salas em que estavam acontecendo as aulas dos componentes obrigatórios do BI, comuns às quatro modalidades do Bacharelado Interdisciplinar. Assim como nas entrevistas em profundidade, também foi entregue aos participantes o TCLE.

Assim, ao todo na pesquisa, foram entrevistados 40 estudantes, sendo 14 do BI em Saúde, 10 do BI em Humanidades, 8 do BI em Artes e 8 do BI em Ciência e Tecnologia.

Os critérios para participação da pesquisa foram: alunos regularmente matriculados em um Bacharelado Interdisciplinar e que estivessem cursando os três primeiros semestres, período em que o aluno cursa todos os componentes curriculares obrigatórios do IHAC.

Após a coleta realizada nas entrevistas em profundidade e nos grupos focais, os dados foram transcritos e submetidos à análise de discurso. A análise de discurso trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido pelo coletivo, o qual o sujeito é apenas um porta voz do discurso e representante daquele sentido (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

A análise do discurso de Willig (2001; 2003), Locke (2004) e Phillips e Hardy (2002), citados por Vêras (2010), são abordagens que consideram o cotidiano como “discursivamente organizado”, enfatizando o papel da linguagem na organização das ideias, representações e do universo simbólico presente nas relações interpessoais e institucionais. Essa forma de análise permite também verificar como o poder é reproduzido e legitimado pela fala e pelos textos dos grupos dominantes ou instituições.

Para a discussão dos dados, os entrevistados foram identificados com nomes de flores, para preservar o sigilo sobre sua identidade.

## **7 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir da análise dos dados coletados na pesquisa, foram construídas as categorias temáticas para ilustrar os fatores predominantes na escolha pelos BI: 7.1 Motivos da escolha pelos BI, 7.2 Fatores de influência na escolha pelos BI, 7.3 Conhecimento sobre a proposta dos BI. Cada categoria originou subcategorias, como mostra a tabela 1. Após categorização dos dados coletados, estes foram analisados de acordo a literatura que fundamenta a pesquisa.

**Tabela 1- Categorias e Subcategorias**

<b>Categorias</b>	<b>Sub-categorias</b>
7.1. Motivos da escolha pelos BI	7.1.1 Ingressar em um curso de CPL; 7.1.2 Interdisciplinaridade; 7.1.3 Indecisão quanto a escolha profissional.
7.2. Fatores de influência na escolha pelos BI	7.2.1 Pares 7.2.2 Família 7.2.3 Professores 7.2.4 Mídia 7.2.5 Mercado de trabalho
7.3. Conhecimento sobre a proposta dos BI	7.3.1 Internet e informação de pessoas 7.3.2 Projeto pedagógico e documentos 7.3.3 Palestras nos colégios sobre os BI

### 7.1 MOTIVOS DA ESCOLHA PELOS BI

Essa categoria identifica os motivos que levaram os estudantes pesquisados a escolherem os cursos de Bacharelado Interdisciplinar da UFBA, uma modalidade recente de graduação, com características interdisciplinares e de formação geral. Observou-se nos relatos das entrevistas que os motivos alegados para a escolha desses cursos foram a possibilidade de ingressar em um curso de CPL após a sua conclusão, a amplitude e variedade de conteúdos que os Bacharelados Interdisciplinares oferecem nas diferentes áreas do conhecimento, a interdisciplinaridade, o que enriquece a formação e permite realizar uma escolha vocacional/profissional mais segura e efetiva. Outro motivo colocado foi a questão da indecisão quanto à escolha profissional. Alguns alegaram estar indecisos quanto à escolha e por isso escolheram fazer o BI. A partir desses motivos, foram criadas as sub-categorias: 7.1.1

Ingressar em um curso de CPL; 7.1.2 Interdisciplinaridade; 7.1.3 Indecisão quanto a escolha profissional.

### 7.1.1 Ingressar em um curso de CPL

Dos estudantes que alegaram como principal motivo de escolha pelos Bacharelados Interdisciplinares a possibilidade de ingresso em um curso de progressão linear (CPL), após a sua conclusão, houve um destaque nos estudantes do BI em Saúde, com relação à opção pelo curso de Medicina, os quais declararam ter escolhido fazer BI como uma alternativa para ingressar no curso de Medicina, como mostram as falas:

Eu passei três anos no curso pré-vestibular, prestei vestibular para três áreas, humanística, exatas e biológicas, mas o que eu vi que eu tinha mesmo afinidade era com a parte biológica, então eu escolhi Medicina, como eu não passei, acabei entrando no BI, como uma alternativa para entrar em Medicina (Cravo).

Eu sempre quis, tive o sonho de fazer Medicina, fiz um curso preparatório durante dois anos. Quando saí do ensino médio, e aí, eu não conhecia o BI, meus amigos falaram que tinha a oportunidade de cursar Medicina pelo BI, aí fui ver o SISU, minha nota entrava e aí eu acabar entrando... (Antúrio).

(...) quando eu entrei no BI, quando botei lá no ENEM, BI de saúde, eu queria porque me falaram que eu tinha como fazer Medicina, pelo BI de Saúde (...) (Lírio).

Escolhi com o intuito de migrar para Medicina após o término do curso” (Cravina).

Eu usei sim o BI como um trampolim para Medicina, quando eu entrei eu pensei em Medicina pelo fato do retorno financeiro que o curso poderia me proporcionar, não pelo ah eu tenho amor...não! Não por amor, mas pelo retorno financeiro que eu poderia ter com o curso. Não tenho aptidão, não tenho nada...eu só gosto da área de saúde, eu gosto de estudar saúde coletiva, por exemplo (...) (Ciclame).

Fica claro nessas falas que os estudantes viram no BI um caminho para contornar as dificuldades de ingresso em Medicina, um curso altamente concorrido e que exige notas altas no Enem. O estudante Ciclame deixa isso bem claro e acrescenta que o interesse pelo curso de Medicina é meramente econômico. Assim como ele, Centáurea também afirma o mesmo:

(...) eu entrei pensando no BI de Saúde, pensando em fazer Medicina (...) eu já entrei com esse pensamento: “Vou fazer BI de Saúde, pra entrar em Medicina e ganhar dinheiro, e depois eu faço Jornalismo se eu quiser...(Centáurea).

Sobre a passagem do BI em Saúde para os cursos de CPL, dos 127 estudantes que graduaram em 2013, 65 migraram para Medicina, ou seja, um pouco mais que a metade (ANDRADE, 2014).

A estudante Begônia coloca que optou pelo BI em Saúde para ter um tempo de preparar a família para dizer que o seu desejo não é fazer Medicina:

Eu entrei no BI de saúde, na verdade porque, minha família toda achava que eu ia fazer Medicina, por causa da minha família de médicos, e eu sempre quis fazer Veterinária, aí eu fiz o BI pra poder dar um tempo, pra amaciar a galera e avisar que eu não vou ser médica. Aí eu entrei no BI de saúde (...) (Begônia).

Mesmo os que alegaram indecisão quanto à escolha, a Medicina estava presente como um dos cursos almejados, como mostram os relatos:

Na verdade, é, eu tive indecisão, eu fiquei entre Medicina e Biofísica, e aí eu tinha passado em Biofísica, só que não é aqui em Salvador e aí eu preferi pelo BI mesmo, foi mais pela indecisão mesmo e também porque minha nota não dava pra Medicina, aí eu falei, não BI que é um caminho a mais, que eu possa estar percorrendo (Celósia).

(...) escolhi o BI mais por uma indecisão, de não saber realmente o que eu quero ser como profissional. Eu fiz vestibular para Biologia, pra Medicina, pra Biotecnologia, então eu tava com muita dúvida em relação a qual CPL eu, e, mas eu sabia a minha área, eu sabia que era área da saúde, mas ainda não sei qual CPL quero (...) (Hortênciã).

Este mesmo estudante (Hortênciã), quando indagado sobre o que entendia por vocação, respondeu:

Acho que é aptidão, vontade de fazer algo, de estar presente, eu mesmo, eu penso em Medicina e quando eu vejo sei lá, eu vejo o médico sem fronteiras, eu vejo, sei lá, pessoas indo cuidar de crianças, de idosos, sabe só, simplesmente pelo fato de estar cuidando, de estar ajudando, isso me faz pensar em Medicina, eu acho que vocação pode ser isso, isso de querer fazer algo por aquilo (...) (Hortênciã).

Isso leva a questionar se de repente não havia a intenção já definida desses jovens em cursar Medicina após o BI, mas podem ter tido receio de falar, talvez por medo de críticas, já que existe o chavão de que “o BI em Saúde está sendo utilizado como um trampolim para entrar em Medicina.” Pode ter ocorrido também a intensão de esconder a escolha, pela alta competitividade que existe em obter escores elevados como requisito de seleção no BI em Saúde para ingressar em Medicina e não revelar sua intensão aos colegas no momento dos grupos focais.

Depoimentos escritos por alunos dos BI, ao longo dos dois semestres do componente curricular Estudos da Contemporaneidade I e II, em 2009, mostraram que a opção pelos BI

muitas vezes é uma forma de driblar as dificuldades impostas pela acirrada concorrência do vestibular, exame ainda vigente nesse período (MAZONI; CUSTÓDIO; SAMPAIO, 2011).

Destaca-se que, em 2010, o vestibular foi substituído pelo Enem (MAZONI; CUSTÓDIO; SAMPAIO, 2011), e em 2014 a UFBA toda aderiu ao Sisu, o que permite que a nota obtida no Enem seja utilizada para ingressar em qualquer curso, não só na UFBA, mas em qualquer universidade pública que tenha aderido ao Sisu. O candidato, ao efetuar sua inscrição nesse sistema, deve escolher, por ordem de preferência, até duas opções entre as vagas ofertadas pelas instituições que aderiram a ele. Normalmente os estudantes têm escolhido os cursos de CPL como primeira opção e os bacharelados interdisciplinares na UFBA como segunda opção, como uma chance a mais de ingressar na universidade e chegar até o curso almejado, como mostra a fala dos estudantes:

(...) A minha primeira opção foi Direito, mas por conta da nota de corte eu escolhi o BI (Aquilégia, BI em Humanidades).

(...) eu botei como 2ª opção o BI, pra caso eu não conseguisse arquitetura, eu fazia o BI e ingressava para arquitetura dentro do BI” (Camélia, BI em C e T).

Então, eu à princípio queria fazer Direito, só que eu tinha o BI como 2ª opção, não como um refúgio, mas mais como uma 2ª opção mesmo (...) (Amarílis, BI em Humanidades).

Os estudantes do BI em Humanidades, assim como os do BI em Saúde, também revelaram interesse em ingressar em um curso de CPL específico, após a conclusão do BI, que é o curso de Direito, como se verifica nas falas dos estudantes:

Na verdade, como a UFBA agora é SISU né, eu coloquei minha nota e esperei ser chamada, porque o curso que eu quero mesmo é Direito, só que minha nota não chegou a nota de Direito, então eu coloquei no BI, pra daqui a um ano e meio lá, sabe, com minhas notas eu posso passar pra o curso que eu quero (...) (Azaleia).

Foi aquele jogo do SISU, né...e de repente o BI se apresentou pra mim como uma possibilidade de, uma possibilidade real de eu fazer Direito (...) a minha primeira opção foi Direito, por conta da nota de corte eu escolhi o BI de Humanidades (Aquilégia).

Então, eu a princípio queria fazer Direito, só que eu tinha o BI como 2ª opção, não como um refúgio, mas mais como uma 2ª opção mesmo, porque pelo pouco que eu ouvia falar e até as pessoas que me diziam que conheciam pessoa que faziam, diziam que essas pessoas gostavam muito, que a experiência era muito boa(...) (Amarílis).

Por outro lado, os relatos dos alunos também indicaram que alguns se demonstram indecisos, apesar de pensar em Direito:

Eu à princípio, queria fazer Direito (...) Eu pretendo concluir o BI e ingressar em outra área que eu não sei se até o final vou continuar querendo Direito (Amarflis).

Na verdade, a minha indecisão é um dos motivos que escolhi o BI. Eu não tenho certeza do curso que eu acho que tenho afinidade, que é Direito (...) (Áster).

Antes eu queria Direito, já estava meio que decidida nisso, só que eu tenho um professor de geografia, que no primeiro dia de aula, no 3º ano, ele já chegou falando sobre o BI(...) e como eu tenho interesse em humanidades, eu achei uma proposta boa que era eu ter acesso a várias matérias da área de humanas e até poder ter certeza né, não sei foi mais por isso (Beladona).

(...) Eu acho que eu quero Direito, mas eu tô me deixando levar pelo próprio BI, porque ele te dá oportunidade de você pegar matérias (...) (Íris azul).

Nesses discursos pode estar oculto o mesmo receio que os estudantes do BI em Saúde podem ter tido em revelar sua decisão de fazer Medicina. Da mesma forma os estudantes de Direito podem estar com inquietações semelhantes, devido a alta concorrência do curso de Direito e a exigência de altos escores para ingressar no curso após a conclusão do BI.

Em 2013, dos 213 estudantes graduados no BI em Humanidades, 120 ingressaram no CPL em Direito (ANDRADE, 2014), o que mostra o forte interesse dos estudantes por esse curso.

Mas e agora com o Sisu? Os estudantes continuam vendo no BI uma alternativa para driblar a concorrência na entrada em cursos socialmente privilegiados, como é o caso de Medicina e Direito? E se o veem assim, haveria algum problema?

Afinal, como coloca Almeida (2010) o acesso à universidade costuma ser visto como um fator fundamental para a redução das desigualdades de renda e melhoria na qualidade de vida em sentido amplo. Segundo o autor, o padrão de seleção instituído até então, o vestibular, privilegiava candidatos com maior capital econômico e cultural, que ocupavam cursos de maior prestígio social e que formavam uma elite econômica e culturalmente privilegiada. No entanto, essa realidade tem mudado. Os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), a partir de pesquisa realizada em 2011, mostram que, nos jovens de 18 a 24 anos, evolui quase 10 vezes a presença dos 20% de menor renda na universidade: de 0,5% em 1997 para 4,2% em 2011, enquanto que os 20% de maior rendimento cresceram em menor ritmo: de 22,9% para 47,1%, pouco mais que o dobro (SAMPAIO, et.al, 2013).

Já nos Bacharelados Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia e em Artes, não foi identificado como motivo de escolha pelos BI o interesse em um curso de CPL com

representatividade específica, como no caso dos BI de Saúde e Humanidades os cursos de Medicina e Direito, respectivamente, mas alguns declararam que o motivo da escolha pelo BI foi ver nele um caminho para ingressar no CPL que estavam interessados, como mostra algumas falas:

Eu queria fazer Arquitetura, só que a média do ENEM foi muito alta, e (...) aí eu botei como segunda opção o BI, pra caso eu não conseguisse Arquitetura, eu fazia o BI e ingressava para Arquitetura dentro do BI (...) (Camélia, BI em Ciência e Tecnologia).

Na verdade eu não conheço muito sobre o BI, eu queria fazer Engenharia Mecânica e eu sei que o BI de C e T é ligado nessa área, então eu optei pelo BI (...) (Acácia, BI em Ciência e Tecnologia).

Eu tenho interesse em fazer um CPL, eu acho que Artes Plásticas ou Designer (...) (Amaranto, BI em Artes).

(...) Durante a seleção do SISU não havia a possibilidade de eu escolher o curso de Designer de Interiores, então eu entrei no site da UFBA e fui ler o que era o BI de Artes pra ter certeza que através dele eu chegaria ao Designer de Interiores (Agerato, BI em Artes).

(...) Eu fiquei decidido por teatro (...) eu tenho a oportunidade de ir pra um outro curso caso eu mude de ideia e dentro daquele espaço, talvez eu fique pegando matérias mais desenvolvidas pro teatro, e fique um pouco mais preparado pra seguir esse curso depois se for mesmo o que eu queira (Lisianto, BI em Artes).

Quanto ao ingresso em cursos de CPL, dos 89 estudantes diplomados no BI em Artes em 2013, 42 ingressaram em cursos de CPL variados, um pouco menos que a metade.

Já no BI de Ciência e Tecnologia, dos 66 diplomados, 63 ingressaram em cursos de CPL variados.

A partir dos relatos, observa-se que há um interesse dos estudantes dos BI em Artes e Ciência e Tecnologia para cursar um CPL após concluir o BI, mas em cursos variados, o que pode estar indicando que nessas duas modalidades de Bacharelado Interdisciplinar, o BI não é utilizado como uma alternativa de ingresso em cursos de graduação mais concorridos e privilegiados socialmente.

### **7.1.2 Interdisciplinaridade**

Outro motivo alegado pelos estudantes na escolha pelos Bacharelados Interdisciplinares foi a amplitude e variedade de conteúdos que esses cursos oferecem nas diferentes áreas do conhecimento, a interdisciplinaridade, que segundo eles permite cursar matérias de áreas diversas, ter uma formação mais abrangente, como ilustram as falas:



(...) o BI possibilita que você aborde mais áreas do conhecimento, e traga isso pra você, eu posso cursar matérias de belas artes, filosofia, ciências sócias, isso amplia, querendo ou não, a minha bagagem para o futuro curso ou profissão (Cerejeira, BI em Ciência e Tecnologia).

Eu gostei da ideia de interdisciplinaridade mesmo (...) eu acho que o BI reúne um pouquinho de cada coisa que eu gosto, sem contar que eu acho que as artes se comunicam entre si, eu acho que para você ser, acho que você precisa de referência, eu acho que um artista plástico ele precisa ter referência de tantas outras coisas ligadas a arte, ligadas ao mundo mesmo, e o BI oferece isso, tem essa proposta (Amaranto, BI em Artes).

(...) Eu poder ter a possibilidade, assim, de tá conhecendo, não ficar restrita só a uma área, entendeu? Eu acho que o BI, pelo pouco que eu ouço falar dele, te dá a possibilidade de conhecer diversas áreas (...) (Amarfílis, BI em Humanidades).

(...) teve uma coisa que me encantou no BI foi a possibilidade de eu conseguir, mesmo 'tando' no BI de saúde, eu conseguir fazer algumas disciplinas de C e T, ou pegar alguma de humanidades, que são coisas que eu gosto também além da área de saúde, eu gosto muito de matemática, então essa possibilidade de também estar em uma área que eu gosto e de também pegar um pouco de outras coisas que também me interessam mais, de poder ser interdisciplinar, mas abrangente (Hortência, BI em Saúde).

A interdisciplinaridade foi considerada decisiva na escolha dos estudantes pelos BI, como demonstram as falas. Segundo dados da pesquisa realizada também com alunos dos Bi, nos dois semestres do componente curricular Estudos sobre a Contemporaneidade I e II, já mencionada anteriormente, a interdisciplinaridade é valorizada pela possibilidade de integração de conhecimentos e a proposta de modelos pedagógicos mais condizentes com a realidade contemporânea (MAZONI; CUSTÓDIO; SAMPAIO, 2011).

Sobre a interdisciplinaridade, é importante colocar que existem muitos conceitos possíveis. Uma das primeiras tentativas de conceituação, e quem sabe a mais partilhada, segundo Luzzi e Philippi Jr (2011), é a de Japiassu (1976), o qual afirma que a interdisciplinaridade se define por uma crítica das fronteiras das disciplinas, da compartimentação, proporcionando uma esperança de renovação e mudança no domínio da metodologia das ciências humanas, sendo um processo de intercomunicação entre as disciplinas, de modo que resulte em uma modificação entre elas, através do diálogo uma vez que a simples troca de informações entre diversas disciplinas, não constitui um método interdisciplinar. A interdisciplinaridade, implica em uma inter-relação de processos, conhecimentos e práticas que transcende as disciplinas científicas e suas possíveis articulações. Do ponto de vista educativo, supera e transcende os conteúdos curriculares, permeando as práticas educativas como um todo, em uma espécie de enfoque multirreferenciado. Um enfoque que articula diversas teorias do campo do conhecimento e

possibilita desvelar a complexidade do processo de ensino e de aprendizagem, gerando uma didática diferenciada (LUZZI; PHILIPPI JR, 2011).

Gusdorf (1977) traz a ideia da interdisciplinaridade como integradora do conhecimento e humanizadora da ciência, tendo como princípio básico considerar o homem como ponto de partida e ponto de chegada do conhecimento científico.

Nesse sentido Luck (2002), considera que a interdisciplinaridade requer o engajamento de educadores em um trabalho conjunto de integração das disciplinas, do currículo em si, e com a realidade.

### 7.1.3 Indecisão quanto à escolha profissional

Por fim, outro motivo trazido pelos estudantes para escolher os Bacharelados Interdisciplinares foi a questão da indecisão vocacional e a possibilidade de verificar se estão indo pelo caminho correto, se a profissão ou as profissões que almejam são mesmo o que querem. Esse ponto é bem interessante, e destacou-se na pesquisa, pois a metade dos estudantes relatou que passou por dúvidas quanto à profissão que iria seguir no futuro e que o BI o faria ter mais segurança quanto a escolha:

(...) é eu tinha um norte, não certeza de que era aquilo que eu queria, eu tenho mais certeza agora, mas eu tinha uma direção, um direcionamento, que eu acho que é necessário pra você entrar no BI, você tem que saber pelo menos a área que você quer atuar (...) (Cerejeira, BI em Ciência e Tecnologia).

Foi um processo que eu penso em fazer uma das engenharias, porém não tinha certeza de qual... aí escolhi BI, fiz , é uma coisa que vai me esclarecer mais na vida acadêmica, para escolher melhor na frente (Aro, BI em Ciência e Tecnologia).

(...) Bem, é, eu não sei a minha área de atuação ainda, eu sei que eu gosto, é sei lá de... desenhar mas eu não sei ainda exatamente como trabalhar com isso (...) acho que o BI, mostrando um leque de possibilidades maior que de outros cursos, eu acho que eu posso enxergar um pouco mais (Amaranto, BI em Artes).

Outros estudantes afirmaram ter entrado no BI com um curso já definido, no entanto, com o tempo foi se questionando e vislumbrando outras possibilidades:

Não houve indecisão vocacional, entrei querendo Direito, mas o BI me fez pensar em outras possibilidades, como ser um mestre, um doutor, que vai disseminar conhecimentos na área do Direito (Aquilégia, BI em Humanidades).

Minha escolha profissional, ela é um processo que ainda não terminou. Ela está acontecendo e ela às vezes vai para pólos muito opostos, eu sou muito volátil (...) quando criança eu era muito criativo, queria fazer teatro (...) eu tenho pensado muito em letras, porque eu gostei muito de estudar as matérias de letras no BI (...) (Lisianto, BI em Artes).

Entrei no BI com o intuito de fazer Medicina, mas agora vejo no BI uma oportunidade diferenciada (...) eu pude conhecer várias áreas (...) A gente fica meio assim, porque eu já não tenho mais certeza, convicção de que realmente é a área, assim continuo com desejo de fazer o curso que desejei inicialmente, mas já não é uma certeza, porque o BI já me possibilitou ter incerteza quanto a isso (...) várias opções pra escolher e questões que a gente pode passear, a gente pode conhecer e diferenciar nos conhecendo, um autoconhecimento (...) (Allium, BI em Saúde).

Esses discursos revelam a importância de um tempo maior para amadurecer a escolha profissional e encontrar a vocação. Os BI podem auxiliar nesse sentido, não só pelo tempo de três anos que o estudante tem até precisar se direcionar para uma profissão se assim o queira, mas também pelo contato com as várias áreas do conhecimento, que possibilita pensar e experimentar outras possibilidades. Isso é um aspecto bastante inovador dos Bacharelados Interdisciplinares, como se observa nos relatos:

A princípio eu não tinha, eu tinha a idéia de pesquisar...mas depois eu optei por Medicina. Eu sabia que eu queria fazer pesquisa na área de saúde, mas não tinha um curso certo pra isso, eu só decidi depois que estava no BI (Margarida, BI em Saúde).

(...) Se eu gosto de humanas eu vou pra Direito, porque é isso que o roteiro diz... só que depois eu descobri que Direito não era a minha praia... e vim pro BI de corpo aberto (...) e pretendo sair do Bi pra fazer um mestrado, porque o BI já é um curso superior, e tentar um doutorado porque eu quero ser professor (Coroa imperial, BI em Humanidades).

(...) Eu acabei mudando, ao invés de interpretação teatral, eu vi que eu gosto de ensinar, então eu quero fazer licenciatura em teatro (...) (Flor-de-lis, BI em Artes).

(...) Eu entrei na universidade com o intuito de fazer BI de Saúde, mas com o tempo vi que não era o que eu queria e fiz transferência interna para o BI de Humanidades (Centáurea, BI em Humanidades).

Uma pesquisa realizada no município de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, com 655 estudantes de 23 diferentes cursos de graduação e instituições de ensino superior (IES) do primeiro ano, investigou em uma de suas questões, a realização pessoal, aptidão e vocação para determinado curso ou profissão. Essa questão foi a que recebeu a melhor média de respostas (379 estudantes), que consideraram esses fatores muito importantes para a sua decisão por um curso superior ou profissão (LUCCHIARI; BONNEAUD, 1995).

Outro aspecto inovador dos BI é que ele traz a escolha vocacional/profissional, antes realizada fora da universidade, para dentro dela.

Por levar em conta essa questão, o projeto político pedagógico dos BI (UFBA, 2008) previa em sua estrutura curricular o eixo orientação profissional, com o intuito de orientar os estudantes na escolha da área de concentração no curso de BI, bem como em estudos posteriores no planejamento e desenvolvimento de sua possível carreira profissional.

No entanto, segundo Matos e Sampaio (2013), essa proposta de orientação está ligada a uma tradição disciplinar, pois o foco é na profissionalização, no direcionamento do estudante ao mundo do trabalho. Portanto, surge, em 2010, um novo posicionamento institucional, que desloca o olhar antes centrado somente na carreira profissional, para uma perspectiva mais próxima da pedagogia da afiliação discutida por Coulon (2008) e pelos estudantes do OVE, como já foi mencionado no capítulo 4.

## 7.2 FATORES DE INFLUÊNCIA NA ESCOLHA PELOS BI

Os fatores que apareceram nas falas dos estudantes pesquisados como influentes na sua escolha pelos Bacharelados Interdisciplinares foram a opinião de amigos e terceiros sobre os BI, bem como a opinião de professores e da família. Além desses, apareceu também a influência da mídia, como reportagens na televisão, blogs na internet, grupos no Facebook e informações no site da UFBA. Diante desses fatores foram criadas cinco sub-categorias de influência na escolha pelos BI: 7.2.1 Pares, 7.2.2 Família, 7.2.3 Professores, 7.2.4 Mídia, 7.2.5 Mercado de trabalho.

### 7.2.1 Pares

Dentre os fatores citados como influentes na escolha, a opinião e informação trazidas pelos amigos e colegas que cursam ou cursaram os BI foi bastante relevante para decidirem cursar os Bacharelados Interdisciplinares, o que pode ser observado nas falas:

(...) teve a participação também, de uma amiga que já faz o BI, então ela incentivou, ela valorizou o curso, ela deu o parecer do curso e isso me motivou a estar dentro do curso, então eu tive o impulso de outras pessoas (...) (Allium, BI em Saúde).

(...) os meus amigos, eu tenho muitos amigos cursando o BI de humanidades e eles sempre falaram muito bem do BI, me falaram como funciona (...) (Orquídea, BI em Ciência e Tecnologia).

(...) amigos porque eu perguntava, ah eu conheço uma pessoa que faz saúde, gosta muito, eu conheço uma pessoa que faz de humanidades, artes...e aí eu fui vendo que

a maioria das pessoas falava bem, gostava e achava uma boa experiência então isso me influenciou (Amarílis, BI em Humanidades).

Uma mãe de uma amiga minha, ela tinha acabado de se formar em BI de humanidades, e depois ela me explicou que as pessoas do BI de artes, tem bastante facilidade em arrajar emprego em produção cultural, e aí eu fiquei bem tentado com isso, eu já posso tentar capitalizar minha vida mesmo no BI (Lisianto, BI em Artes).

A opinião dos amigos e terceiros destacou-se na pesquisa tanto quanto a dos pais. Segundo Santos (2005), a opinião dos pares, ou seja, dos amigos, colegas e terceiros é significativa na escolha profissional dos jovens, como revela a pesquisa realizada com 16 orientandos de um programa de orientação profissional de uma universidade pública.

## 7.2.2 Família

A família foi outro fator bem destacado pelos estudantes, como influente na escolha pelos BI, tanto quanto os amigos e colegas. Os irmãos aparecem como um dos familiares mais ativos em trazer informações e incentivar a opção pelos BI:

Teve, teve assim, de minha irmã, ela foi uma das motivadoras porque ela atua em uma área ligada as questões sociais, então ela viu a realidade do BI e me incentivou a participar do BI (...) (Allium, BI em Saúde).

Eu... tinha um pouco pressão minha e da minha família também...né...porque minhas irmãs também, elas já fazem, já faziam na época universidade, e não teria porque eu não fazer...e eu também já queria bastante fazer (Centáurea, BI em Humanidades).

(...) já tinha minha irmã e meu primo que já haviam feito BI, e mesmo no ensino médio, eles já falavam sobre as coisas do BI, como era a proposta, ele era do grupo de pesquisa e me falava tudo como era... quando eu fui prestar o vestibular eu já sabia o que eu ia fazer (Consolida, BI em Humanidades).

(...) Minha irmã mesmo ela falava: “ah, vai ser bom pra você fazer o BI porque vai complementar e vai que você não quer fazer Arquitetura, você escolhe outro curso no meio... (Camélia, BI em Ciência e Tecnologia).

Também primos e tios participam na escolha:

(...) uma prima minha, na realidade, ela que me apresentou todo o BI. Ela sabia bem teoricamente como funcionava, porque ela tinha uma colega que fez o BI, e aí eu li o edital li alguma coisa sobre algumas matérias, e eu entrei no BI sabendo o que era e querendo o BI, justamente por isso (Íris azul, BI em Humanidades).

(...) e minha tia, tudo pra convencer, qualquer coisa de estudos lá em casa eu falo com ela, porque ela está fazendo agora Doutorado em Educação (Beladona, BI em Humanidades).

Os pais representam uma influência significativa, uma das maiores, tanto quanto os irmãos:

(...) Minha mãe ficou muito animada com a ideia do BI quando soube que eu passei e acho que fez a cabeça da maior parte da minha família, que acabaram me incentivando a fazer o curso (...) (Orquídea, BI em Ciência e Tecnologia).

(...) minha mãe também falava que era um curso também, que dava pra eu pegar matérias, que não precisava ser tão rápido para eu fazer arquitetura que eu podia fazer com calma e escolher direitinho se era isso mesmo que eu queria (Camélia, BI em Ciência e Tecnologia).

A família, em relação assim, a minha mãe, que me apoiou bastante, meu pai ficou no início meio chocado porque começava a falar do BI pra ele, mas ele achava que eu ia fazer Direito e eu larguei na hora assim, no dia da inscrição (...). Aí liguei pro pai (...) aí ele ficou calado... risos, mas depois ele falou que a escolha era minha, que eu tava certa... então tem me apoiado mais... (Beladona, BI em Humanidades).

Observa-se nesses discursos o apoio das mães nas escolhas dos filhos e a discordância de um pai pela expectativa que tinha de que a filha cursasse Direito e não BI.

É fato que alguns pais buscam realizar-se através dos filhos. Por isso, por vezes assume a postura de expectativa, que faz o jovem se sentir cobrado (ANDREANI, 2004).

No entanto, o jovem sente vontade de ser apoiado na busca por sua identidade vocacional, mas a capacidade da família apoiar vai depender do seu grau de expectativas, conflitos e possibilidades de manejá-los (SANTOS, 2005).

### 7.2.3 Professores

A opinião de professores foi colocada por dois estudantes como sendo um fator importante na opção pelos BI:

A primeira vez que eu ouvi sobre o BI foi com um professor meu, que fez BI e tá em Medicina agora, e quando ele me explicou eu me encantei e aí eu fui procurar saber pela internet, vi o projeto, vi vídeos, e aí eu super me identifiquei, e já fui de coração aberto, foi bem tranquilo (Coroa imperial, BI em Humanidades).

Meu professor, ele não tá aí, mas ele pesou muito, bastante, assim... professor de? De geografia, na escola, era o único da escola que falava sobre o BI lá, tanto que na época da decisão eu cheguei a perguntar a outros professores o que achavam, aí sempre falavam "não mas você sempre quer Direito...e aí normalmente pra quem tá indeciso, ele era o que mais apoiava assim...quando você ia comentar você via que ele se entusiasmava (Beladona, BI em Humanidades).

Os professores aparecem nos relatos como canais de informação e persuasão na decisão de escolher pelos BI. Como educadores formadores de opinião, podem ser peça chave no processo de escolha vocacional/profissional. Santos (2005) identifica os professores como terceiros, na influência na escolha profissional, sendo que suas opiniões são tão significativas quanto a dos amigos. No entanto, nesta pesquisa apenas dois estudantes revelaram a

influência dos professores, embora outros dois estudantes colocassem a influência dos pais, que são professores.

#### 7.2.4 Mídia

A mídia, que consiste nas informações oferecidas na internet, nos jornais, televisão e meios de comunicação em geral, foi apontada como um aspecto influente na escolha pelos BI:

(...) eu vi propaganda pela televisão dos cursos novos da UFBA, que tinha essa proposta interdisciplinar, de pegar áreas diferentes, centralizar numa só e poder guiar o estudante nesse caminho, e aí eu mesma, vendo isso, vi que eu precisava disso e escolhi (Margarida, BI em Saúde).

Vi reportagem no globo sobre o BI na UFBA e no Recôncavo também (Cravo, BI em Saúde).

(...) eu futucando na internet mesmo... eu colocava mesmo assim no google 'não sei o que eu quero' enter, e eu me lembro que eu achei uma página na internet, de um website que eu não lembro o nome agora, que aparecia vários comentários e um desses comentários era falando de um, justamente sobre o curso do BI (...) (Ciclame, BI em Saúde).

A mídia, também foi vista como influente nos estereótipos que os estudantes podem formar sobre algumas profissões, principalmente aquelas que levam o maior status e prestígio social, como revelam as falas dos estudantes:

Mídia, assim, por passar a imagem dos médicos como 'os profissionais' (...) Eu me lembro, que tava passando uma novela (...) que tinha uma dermatologista né (...) o sol batendo e ela quando acabava as consultas ela abria assim a janela e respirava o ar da praia e ia fazer uma caminhada, tomava banho, sabe? Assim, de uma forma bem luxuosa, com os melhores produtos, internacionais, as melhores viagens (...) e o BI: 'Não, eu posso chegar nessa riqueza, nesse luxo se eu fizer o BI, esperar um pouquinho, passar para o CPL e ter essa vida de luxo e conforto, não vou nem suar na profissão...' (Ciclame, BI em Saúde).

Ricos, bem sucedidos...você liga a televisão, é novela, sempre tem uma família de médicos na novela bem sucedida (...) você faz Medicina, você vai ter tudo aquilo... você não sua, você não faz nada... tá lá em seu consultório faz algumas cirurgias... ganha 60.000 em cada uma... mais a mídia vende muito isso, esse tipo de profissão, as primeiras são quais? Medicina, Direito e as Engenharias, sempre como os bem sucedidos, e todo mundo fica almejando (...) Mas na verdade não é bem assim... (Centáurea, BI em Humanidades).

Teve uma vez, (...) eu tava assistindo uma coisa na televisão, mostrava na Medicina em especial (...) um neurologista que tinha passado por diversas adversidades, mas ele tinha aptidão sabe, ele nasceu pra aquilo, você acaba ficando emocionado... você chora... 'Meu Deus, eu quero passar por isso tudo...' (Ciclame, BI em Saúde).

Nessas três falas percebe-se o status do médico, que é colocado nas novelas e programas de TV como rico, bem sucedido, feliz e que desperta nas pessoas o desejo de alcançar tal estado através da Medicina. Assim como algumas outras profissões não são muito valorizadas pela mídia:

A mídia coloca assim, ah, professor ganha mal, e aí você acaba sendo influenciado... se eu gosto muito de português, mas eu acho que não vou fazer letras, porque eu vou ganhar mal, porque eu vou ficar andando de ônibus não sei quanto tempo... só vou poder sair de casa cedo (...) (Centáurea, BI em Humanidades).

Então, as pessoas de classes menos favorecidas, ao verem esse mundo mágico que a mídia aponta, almejam alcançá-lo, querem ser médicos, advogados, engenheiros, muitas vezes para alcançar a condição de riqueza e luxo que a mídia retrata.

E o salário né, você pode ganhar 30.000. E uma pessoa sem nada, ela vai querer isso... de uma maneira mais fácil possível... entende? Aí ela pensa: 'Ah, acho que eu vou fazer tal profissão... porque eu vou ter isso...' e o que realmente gosta fala: 'Ah, eu deixo pra depois... como um hobby, faço nos finais de semana... ou faço obra de caridade... tanto faz...' (Centáurea, BI em Humanidades).

Os estudantes Consolida (BI em Humanidades) e Calla (BI em Saúde) concordaram o tempo todo, no grupo focal, com essas colocações.

Os meios de comunicação são considerados por Silva (2004) determinantes sociais da escolha profissional, de ordem abstrata, que tendem a atrelar a realização humana ao dinheiro e ao status.

O status das profissões é considerado um fator bastante relevante na escolha dos adolescentes por uma carreira profissional. Principalmente naqueles que aspiram carreiras como Medicina (RIBEIRO et al., 2011) e os cursos mais valorizados historicamente (DIAS; SOARES, 2012; COSTA, 2007; TORRES, 1998; ALMEIDA; PINHO, 2008).

Quanto ao fato de ser portador de um diploma, Dias e Soares (2012) observam que em jovens menos favorecidos economicamente, os diplomas retêm seu valor histórico e social simbólico, tendo um sentido múltiplo como condição de status social, de mobilidade e de melhores possibilidades de futuro e de carreira. Esse aspecto ficou bem evidente nos discursos dos estudantes:

Na minha família poucas pessoas ingressaram na universidade, e eu agora estou tendo a oportunidade de estar aqui, conseguindo almejar novos conhecimentos, adquirir novas conquistas (Cravo, BI em Saúde).

(...) A entrada na universidade pra mim, ela foi mais um desejo meu, não foi um projeto, assim, da minha família, que inicialmente assim, eu tivesse apoio... pudesse... é... ser compartilhado... foi uma busca minha, assim, é eu entendia o meu



contexto social e eu sempre acreditei que a minha mudança poderia sim, vir através da educação...então por isso que até hoje eu luto pra ter é...uma profissão, concluir um curso superior... essas coisas...(Calla, BI em Saúde).

Pra eu, um jovem que mora na periferia e ingressa na universidade, já é um passo muito grande, até porque as escolas públicas de onde eu vim não oferecem esse preparo para que o aluno chegue a universidade (...) (Crisântemo, BI em Humanidades).

(...) Meu pai é, sempre trabalhou a vida toda na Petrobrás, como técnico, aí eu fui, por ele, fazer o curso técnico, passei no concurso da Petrobrás mas ainda não fui chamado. Vou querer cursar uma Engenharia, ainda, pra ganhar mais dinheiro. É isso que eu quero. Mas a Engenharia que quero fazer ainda não sei, porque eu vejo pelos corredores, é, gente falando que tal engenharia não tá dando retorno... aquela engenharia não tá dando (...) (Anis, BI em Ciência e Tecnologia).

Tais discursos mostram que jovens de classes sociais menos favorecidas estão ingressando nos BI, e isso é um aspecto positivo, que remete à democratização do acesso à universidade pública. Nesse sentido, é importante observar que dos 41 estudantes entrevistados, 8 declararam ter renda familiar de 1 a 3 salários mínimos, e desses 8, 7 escolheram cursar BI de Saúde para depois ingressar em Medicina, sendo que 4 são cotistas. Além disso, as falas acima mencionadas, que retrataram o status da Medicina e a possibilidade de ascensão social através dela, foram justamente as falas dos 4 estudantes cotistas. Vale ressaltar também que 17 estudantes declararam renda entre 4 a 6 salários, o que demonstra a entrada de uma classe média nos BI, sendo que apenas 12 estudantes declararam renda superior a 7 salários.

### **7.2.5 Mercado de trabalho**

O mercado de trabalho foi outro fator colocado como tendo influência na escolha pelos BI, já que eles preparam de forma mais abrangente para o mercado, preparam para prestar concursos públicos que exijam qualquer nível superior e possibilitam fazer um mestrado após sua conclusão:

Mercado de trabalho é junção né, da faculdade com umas matérias a mais que eu peguei, então pro currículo é bom, fazer BI (Camélia, BI em Ciência e Tecnologia).

Primeiro o fator é, ter uma 2ª graduação, terminar o BI para ser graduado em Humanidades, depois a possibilidade de eu passar pro CPL, mas daí no BI minha visão começou a mudar, fazer um mestrado e partir para um doutorado... e aí me tornar um professor de uma universidade pública, estadual, federal. Nisso o mercado me influenciou (Aquilégia, BI em Humanidades).

(...) O mercado de trabalho, eu via a vigilância sanitária, porque ela tem um mercado de trabalho, que era o que eu gostava, lidava com saúde e tinha lá um dos cargos que era qualquer nível superior... então eu pensava em almejar um concurso público que tivesse necessidade só de um nível superior (Ciclame, BI em Saúde).

O BI prepara um profissional com a visão mais ampliada de mercado mesmo (Dália, BI em Humanidades).

Alguns estudantes pontuaram que o mercado de trabalho não os influenciou, pelo fato do BI ser carente de mercado de trabalho, de estágios durante a formação e não formar profissionais, como mostram as falas:

Não, eu sabia que eu não ia trabalhar no BI, bom é, não sei né... tipo, eu sabia que não era um CPL, a gente tem um número restrito de estágios na área do BI (Centáurea, BI em Humanidades).

O BI não profissionaliza... e o mercado quer profissionais... o mercado não quer um profissional que pense... os setores privados não tem nenhuma vaga pra BI, os públicos tem, principalmente as secretarias de cultura (Consolida, BI em Humanidades).

O mercado de trabalho tá cada dia mais técnico, eles querem profissionais cada vez mais especializados naquilo ali, técnicos... Então você tem que estar consciente que se você sair aqui do BI o mercado não vai te querer, eles querem um profissional técnico (Ciclame, BI em Saúde).

Com o BI diretamente não, eu pensei no BI como uma formação complementar que eu poderia fazer posteriormente, mas indiretamente o BI ajuda pro mercado de trabalho. Ele ajuda na formação, tanto de vida pessoal, quanto de vida profissional, não está centralizado só numa coisa né, como se fosse num cabresto, abre um leque... em vários sentidos, aí a ideia principal é essa (...) (Margarida, BI em Saúde).

Eu acho que mercado de trabalho não muito porque, é... quando eu entrei aqui no BI eu não sabia sobre o curso nada, até porque o curso não era muito conhecido, tem só 5 anos o IHAC (...) (Hortência, BI em Saúde).

A questão dos BI não serem um curso com finalidade de profissionalização, é vista como uma dificuldade para o ingresso no mercado de trabalho pelos estudantes. Contudo, os BI propõem uma mudança na forma de enxergar a educação superior brasileira, no sentido de não focar nos aspectos técnicos profissionais, mas resgatar o verdadeiro valor da universidade que é formar cidadãos conscientes de seu papel social. É claro que há uma real exigência do mercado de trabalho para que a universidade lance profissionais habilitados tecnicamente para atender uma demanda, mas a proposta inicial dos BI era que eles fossem o primeiro ciclo da formação universitária. Posteriormente, o estudante teria uma formação mais específica, na direção da profissionalização, mas, na UFBA, coexistem dois tipos de sistema, o de ciclos e o tradicional. Já na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), bem como na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSBA), a entrada é feita apenas através do sistema de ciclos.

### 7.3 CONHECIMENTO SOBRE A PROPOSTA DOS BI

O conhecimento sobre os BI foi adquirido pelos estudantes por meio da internet, contato pessoal, palestras e evento, leitura do projeto pedagógico e outros documentos, como estão ilustrados nas sub-categorias: 7.3.1 internet e informações de pessoas, 7.3.2 projeto pedagógico e documentos, 7.3.3 palestras no colégio sobre os BI/evento UFBA.

#### 7.3.1 Internet e informações de pessoas

Os estudantes que disseram ter buscado informações sobre os BI antes de efetivar a sua escolha, utilizaram a internet e as pessoas conhecidas como maior fonte de informação. Os que buscaram a internet disseram:

(...) li as informações do site, li no Youtube (Lisianto, BI em Artes).

(...) vi alguns vídeos que tinham no Youtube (...) (Áster, BI em Humanidades).

Sim, na internet (...) em vários sites, eu pegava a entrevista que teve com o ex-reitor da UFBA que implantou o BI (Beladona, BI em Humanidades).

Mais no site do BI, que tá meio fora de área já faz um tempo já, risos, busquei informação com amigos que cursam e na internet também (Orquídea, BI em Ciência e Tecnologia).

(...) Eu entrei no facebook, entrei no grupo que é só pra calouros do BI, aí eu leio o que eles postam... entrei também num site que eles indicaram (...) (Amarílis, BI em Humanidades).

A maior fonte de pesquisa na internet apontada pelos estudantes foi o site da UFBA:

Busquei, no site da UFBA, tentei ler, mas não compreendi tudo, né, não tinha domínio, busquei informações fora, procurei ver comentários, pesquisei bastante (Margarida, BI em Saúde).

Busquei no site da UFBA, e alguma coisa a mais com alguns amigos meus, que já fazem que já tinham lido, mais eu cheguei a ler muita coisa sobre o BI, inclusive fui em outros sites pra saber (Anemona, BI em Saúde).

Busquei, eu entrei no site da UFBA, entrei em outros sites também, porque eu queria a área de saúde, procurei várias áreas e aí apareceu o BI e eu fiquei interessada pelo BI e também por eu ter feito Biofísica, e você tando no BI dá pra você tentar fazer Biofísica e Biotecnologia (Celósia, BI em Saúde).

Eu fui no site da UFBA, procurei a grade curricular, dei uma olhada, também tinha, professores costumavam comentar bastante sobre como era o BI eu tinha mais ou menos essa cara (Açucena, BI em Saúde).

Os estudantes que buscaram informações sobre os BI com pessoas conhecidas relataram:

Busquei Informações com um amigo, um amigo do curso técnico mesmo, que cursava o BI, agora ele já tá na graduação (...) (Anis, BI em Ciência e Tecnologia).

(...) conversei com uma aluna que era do BI, que já estava ingressada num CPL, então ela me incentivou e me explicou muitas coisas, vi também algumas reportagens (Íris azul, BI em Humanidades).

(...) perguntei a pessoas que já fazem para ver se valia a pena (Cravina, BI em Saúde).

(...) me informei antes, procurei saber de outras pessoas que estavam fazendo o curso, de que já tinham passado o 1º semestre e estavam cursando o 2º (...) (Açafrão, BI em Artes).

Observa-se nas falas que as pessoas procuradas para se obter informações acerca dos BI foram estudantes que já frequentaram o curso ou frequentam.

Sobre a internet, a pesquisa do Ibope, realizada com 20 mil pessoas nas regiões metropolitanas de Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, revela que 47% dos entrevistados apontaram a internet como o veículo principal para se ter acesso a informações (GUIMARÃES, 2014).

Uma pesquisa bibliográfica documental, que englobou também um estudo de caso com 11 funcionários públicos federais, demonstrou que a fonte de informação mais utilizada por eles é o colega de trabalho, e as mais utilizadas para se atualizarem é a internet. Os critérios de escolha e de qualidade das fontes de informação mais empregados são a facilidade de acesso, a rapidez e a confiabilidade (BLATTMANN; RODRIGUES, 2014).

### 7.3.2 Projeto pedagógico e documentos

Outra fonte destacada pelos estudantes como informativa sobre os BI foram o projeto pedagógico, o manual do candidato, a matriz curricular, como mostram as falas:

Li o projeto pedagógico (...) (Lisianto, BI em Artes).

Sim, li o projeto (...) (Cravina, BI em Saúde).

Li, li, na verdade eu conhecia pouco sobre o BI, aí eu fui procurando o manual do candidato, a grade curricular, a matriz, li bastante sobre o curso de BI sobre as áreas, até pra não se arrepender da escolha do curso... e aí eu acho que me adaptei, é me adaptei não, é como que se diz... foi um curso que me agradou e acabei escolhendo (Alecrim, BI em Ciência e Tecnologia).

Eu li superficialmente, antes de entrar aqui, eu já tava em mente o que eu queria então (Cravo, BI em Saúde).

Eu li o projeto (Ciclame, BI em Saúde).

Eu li o projeto, embora não tenha entendido muita coisa (Calla, BI em Saúde).

O projeto pedagógico apareceu como o documento mais pesquisado, embora seja um dos recursos menos utilizados, perdendo só para palestras em colégios.

### 7.3.3 Palestras no colégio sobre os BI/evento UFBA

Os estudantes tiveram contato com palestras informativas sobre os BI em seus colégios no ensino médio, como revelam os relatos:

Cheguei sim, teve uma palestra lá no colégio sobre os BI (Açafrão, BI em Artes).

(...) Palestra no colégio, em que o professor foi falar sobre o BI, e apontou várias coisas assim, e eu fiquei encantada (Amor-perfeito, BI em Artes).

Sim, na primeira semana a gente teve a EXPOIHAC, teve muita informação sobre como funcionava e tudo mais e depois disso eu também peguei o projeto (...) (Hortência, BI em Saúde).

“Eu tive, acho que umas 3 palestras no colégio sobre o BI, aí eu me informei bastante” (Camélia, BI em Ciência e Tecnologia).

“Na minha escola teve uma palestra com uma das, eu não sei bem o que ela é, não sei se ela é diretora do curso, alguma coisa assim, mas ela foi na minha escola explicar como funciona o BI, tudo mais, e aí eu já me interessava antes por amigos que entendem, que já falavam do curso e tal... mas eu acho que essa palestra me motivou ainda mais” (Amaranto, BI em Artes).

Apenas um estudante revelou ter tido contato através de um evento no IHAC, que foi o EXPO-IHAC.

Acerca do conhecimento das propostas dos BI, a pesquisa realizada por Sampaio e colaboradores (2013), com os alunos dos BI da UFBA, já mencionada nas categorias anteriores, apontou que os estudantes conheceram o BI principalmente através da internet (46% em 2010 e 35,7% em 2011), seguido por informações de amigos e parentes (42,5% em 2011 e 30% em 2010) ou de palestras em escolas ou cursinhos (17% em 2010 e 12,8% em 2011). Alguns dados da pesquisa coincidem com as informações contidas nas falas dos estudantes da presente pesquisa, já que a maioria dos discursos revela primeiramente a internet como fonte principal de informação sobre os BI, seguido de pessoas conhecidas. No entanto, as categorias que não foram investigadas por Sampaio e colaboradores (2013) foram a influência da mídia, que ficou na terceira posição, como fonte de informação sobre os BI,

seguido do projeto pedagógico e documentos. E, por último, ficaram as palestras em colégios sobre os Bacharelados Interdisciplinares.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mediante a pesquisa feita com os estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA, para averiguar os fatores predominantes na escolha pelos referidos cursos, pode-se detectar diversos fatores, que foram agrupados em categorias e subcategorias de análise. A primeira questão a destacar, é que houve uma diferença nesses fatores nas quatro modalidades de BI: Artes, Ciência e Tecnologia, Humanidades e Saúde.

No que se refere a categoria motivos da escolha pelos BI, os estudantes do BI de Humanidades e Artes demonstraram como fatores predominante na escolha pelos cursos a indecisão vocacional e o interesse em fazer um curso de CPL na área do BI escolhido, após a sua conclusão. Já nos BI de Saúde e de Humanidades, predominou o fator interesse em ingressar nos CPL de Medicina e Direito, respectivamente, o que mostra a predominância do interesse de jovens ingressantes nos BI, pelos cursos de maior prestígio social. A expectativa de ascensão social por meio desses cursos esteve presente nas falas dos estudantes.

A interdisciplinaridade foi outro fator mencionado como um motivo relevante na escolha pelos BI.

É interessante colocar aqui que o estudante que ingressa em um curso de CPL tradicional, sai formado um profissional técnico em alguma área do conhecimento, e normalmente já sabe o que quer fazer e não utiliza o curso como passagem para outro curso. Já nos BI, os estudantes podem utilizar o curso como passagem ou alternativa de ingresso em outros cursos de graduação, ou simplesmente seguir sua formação universitária sem uma finalidade profissionalizante, bem como pode ingressar no mercado de trabalho não como um técnico especializado, mas como um bacharel que atua de forma interdisciplinar em vários contextos. Esse aspecto configura os BI como uma das maiores inovações no ensino superior brasileiro.

Com relação à indecisão vocacional, ou seja, o não saber o que fazer ou que curso de CPL seguir após o término dos BI, foi um aspecto que chamou a atenção nos relatos, o que demonstra uma busca vocacional, e o BI visto como uma possibilidade de adiar uma escolha vocacional/profissional até amadurecê-la. Isso mostra a importância dos BI ao oferecer um tempo aos jovens para amadurecerem seu conhecimento sobre os cursos, as áreas do conhecimento e assim traçarem de forma mais segura e consciente sua trajetória profissional,

o que pode contribuir para uma diminuição do abandono no ensino superior, sem contar que os BI surgiram com a proposta de resgatar o verdadeiro papel da universidade que é formar cidadãos, que é contribuir para a transformação social, para a vida, e não só formar bons técnicos, como relataram alguns estudantes na pesquisa. A universidade é um espaço de reflexão, de produção de conhecimento e de produção de novas perspectivas, novas realidades.

Com relação a categoria fatores de influência na escolha pelos BI, os estudantes trouxeram que receberam influência de seus pares, familiares, professores, bem como da mídia e do mercado de trabalho. Percebe-se nas falas dos estudantes, ao descreverem essas influências, que são incentivados pela opinião desses agentes a fazer o BI pela possibilidade que ele oferece de ingressar em cursos de CPL, bem como pelo fato de não exigir uma definição profissional, o que auxilia os indecisos.

Na última categoria, denominada conhecimento sobre a proposta dos BI, os estudantes relataram que conheciam superficialmente a proposta dos BI ao ingressar no curso e sua escolha foi feita baseada na opinião de pessoas, informações coletadas na internet e em palestras informativas nos colégios, bem como na leitura do projeto pedagógico e documentos.

Como conclusão, observa-se que os BI permitem trazer a escolha vocacional/profissional para dentro da universidade, possibilitam rever escolhas iniciais e mudar os rumos idealizados. Isso traz importantes desafios a essa recente modalidade de graduação e a UFBA, bem como aos orientadores vocacionais/profissionais, que encontram um campo de trabalho no ensino superior. Com o advento do Sisu, o estudante muitas vezes ingressa na universidade no curso que conseguiu atingir a nota para ingressar, que não necessariamente é o curso que almejava. Dificilmente ele ficará de fora da universidade. No entanto, se o estudante segue a lógica do caminho mais fácil, e ingressa no curso que der, e isso pode comprometer a sua busca vocacional, e pode vir a aumentar os índices de evasão no ensino superior. Isso é um fenômeno novo na realidade brasileira, que requer maiores estudos e possibilidades de intervenção.

O Projeto de Orientação Acadêmica que está em andamento na UFBA, se for implantado como uma prática nos BI, poderá contribuir muito nesse sentido, na orientação do percurso acadêmico dos estudantes, e quem sabe ser estendido a todos os cursos da UFBA, adaptando-o as nuances próprias de cada curso.

Para finalizar, este trabalho teve por objetivo apresentar os resultados da pesquisa referida, e assim contribuir para consolidação de novas configurações curriculares nas universidades brasileiras, a exemplo, os Bacharelados Interdisciplinares da UFBA.

O fato é que o Reuni já aconteceu, tendo seu prazo findado em 2012, e que os BI na UFBA estão vivos, funcionando e podem vir a se tornar grandes inovações a nível nacional, possíveis modelos de ensino, a depender de seu sucesso e diferencial, que tem também de ser percebido e aprovado pelas instâncias acadêmicas e governamentais.



## REFERÊNCIAS

ANDREANI, G. **O papel da família e dos pares na escolha profissional** [2004]. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722005000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100008)>. Acesso em: 19 mar. 2015.

AGUIAR, F. H. R.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Orientação vocacional como tema transversal: uma experiência com profissionais da educação. **Rev. Bras. de Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 107-117, jun. 2011.

ALMEIDA, M. E. G. G.; MAGALHÃES, A. S. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 205-214, 2011.

ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 173-184, 2008.

ALMEIDA FILHO, N. A. **Memorial da Universidade Nova**. 2010. Obra completa no site Scribd. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/50945357/Memorial-da-Universidade-Nova>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

ANDRADE, J. B. **A evasão nos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA**: um estudo de caso. 2014. 179 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

ANDRADE, J. M.; MEIRA, G. R. J. M.; VASCONCELOS, Z. B. O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 46-53, 2002.

BAPTISTA et.al. O estado da Arte sobre o REUNI. In: COLOQUIO DE GESTIÓN UNIVERSITARIA EN AMÉRICAS - RENDIMIENTOS ACADÉMICOS Y EFICACIA SOCIAL DE LA UNIVERSIDAD, 8, 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Salvador:

UFBA, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/114850>>. Acesso em: 30 mar. 2013.

BARBOSA, A. J. G.; LAMAS, K. C. A. A orientação profissional como atividade transversal no currículo escolar. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 17, n. 3, p. 461-468, set. 2012.

BARDAGI, M. P. **Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes**. 2002. 99f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BARDAGI, M. P.; LASSANCE, M. C. P.; PARADISO, A. C. Trajetória acadêmica e satisfação com a escolha profissional de universitários em meio de curso. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 153-166, 2003.

BASTOS, J. C. Efetivação de escolhas profissionais de jovens oriundos do ensino público: um olhar sobre suas trajetórias. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 31-43, dez. 2005.

BECKER, A. P. S.; BOBATO, S. T.; SCHULZ, M. L. C. Meu lugar no mundo: Relato de experiência com jovens em orientação profissional. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 253-264, 2012.

BISCARO, P. **Orientação vocacional e profissional**. [2014].

Disponível em: <<http://www.paulabiscaro.com.br/page003.html>>. Acesso em: 09 abr. 2014.

BLATTMANN, U.; RODRIGUES, C. Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 4-29, jul./set. 2014.

BOAVENTURA, S. S. **A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

BOAVENTURA, S. S.; ALMEIDA FILHO, N. A. **A Universidade no Século XXI**: para uma Universidade Nova. Coimbra: Almedina, 2008.

BOCK, A. M. B. **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2001.

BOCK, A. M. B.; AGUIAR, W. M. J. **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1991.

BOCK, A. M. B. et.al. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1989.

BOCK, S. D. **Orientação profissional**: a abordagem sócio-histórica. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional**: a estratégia clínica. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BONELLI, M. G. As Ciências Sociais no sistema profissional brasileiro. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 31-61, 1993.

BONONE, A.; FIDALGO, S. Como escolher sua profissão. **Guia das Profissões**, v. 1, n. 1, 2011.

BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRANDÃO, S. R. R. **A vocação humana**: uma abordagem antropológica e filosófica. [2015]. Texto publicado no site da Editora Mandruvá. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/vidlib7/sb.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**: diretrizes gerais. Brasília, DF, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

BRITO, E.P.; HEIDEN, R. Entre a reestruturação das universidades federais; movimentos que singularizam a travessia da UFPEL. In: XXV Simpósio Brasileiro II Congresso Ibero-Americano de Políticas e Administração da Educação, São Paulo, 2011. Políticas públicas e gestão da educação: construção histórica, debates contemporâneos e novas perspectivas. v.1. São Paulo: Editora da PUCSP, 2011.

BUENO, J. M. H.; LEMOS, C. G.; TOMÉ, F. A. M. F. Interesses profissionais de um grupo de estudantes de psicologia e suas relações com inteligência e personalidade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 271-278, 2004.

CAMARGO, M. S. de. et al. **Referenciais orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e similares**. 2010. Disponível em: <[http://reuni.mec.gov.br/images/stories/pdf/novo%20-%20bacharelados%20interdisciplinares%20-%20referenciais%20orientadores%20%20novembro\\_2010%20brasil.pdf](http://reuni.mec.gov.br/images/stories/pdf/novo%20-%20bacharelados%20interdisciplinares%20-%20referenciais%20orientadores%20%20novembro_2010%20brasil.pdf)>. Acesso em: 18 fev. 2015.

CARVALHO, M. Influência de pais nas escolhas de carreira dos filhos: visão de diferentes atores. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 33-41, 2009.

CARVALHO, M.; TAVEIRA, M. C. A implementação de decisões vocacionais: revisão de literatura. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 27-35, 2012.

CARVALHO, M. M. M. Y. **Orientação profissional em grupo**: teoria e técnica. Campinas: Psy, 1995.

CARVALHO, R. G. G. Pessoas versus coisas: sobre as diferenças de gênero nos interesses profissionais. **Rev. Bras. Orientac. Prof.** São Paulo, v. 13, n. 2, p. 173-182, 2012.

COIMBRA, S.; FONTAINE, A. M. Será que sou capaz? estudo diferencial de auto-eficácia com alunos do nono ano. **Rev. Bras. Orient. Prof.**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 5-22, 2010.

COSTA, J. M. Orientação profissional: um outro olhar. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 79-87, 2007.

COSTA, D.M.; COSTA, A.M.; BARBOSA, F. V. Financiamento público e expansão da educação superior federal no Brasil: o REUNI e as perspectivas para o REUNI 2. **Revista Gual**, Florianópolis, SC, v.6, nº1, p.106-127, jan.2013.

COULON, A. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

CRITES, J. O. **Vocational psychology**. New York: McGraw-Hill, 1969.

DIAS, M. S. L.; SOARES, D. H. P. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 272-283, 2012.

DRAIME, J.; JACQUEMIN, A. Os testes na orientação vocacional e profissional. **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, p. 95-99, 1989.

DUARTE, M. E. Um século depois de Frank Parsons: escolher uma profissão ou apostar na psicologia da construção da vida? **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 5-14, 2009.

ERIKSON, E. **Identidade**: juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ESBROGEO, M. C.; MELO, L. L. S. Informação profissional e orientação para a carreira mediadas por computador: uma revisão da literatura. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 133-155, 2012.

FARIA, L. C. Influência da condição de emprego/desemprego dos pais na exploração e indecisão vocacional de adolescentes. **Psicologia: reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 26, n. 4, p. 772-779, 2013.

FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, A. F.; NASCIMENTO, I.; Fontaine, A. M. O papel do professor na transmissão de representações acerca de questões vocacionais. **Rev. Bras. de Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 43-56, 2009.

FERREIRA, I.; TEIXEIRA, R. Escolha profissional: entre os sonhos, os ideais e o capitalismo. **Rev. de Iniciaç. Cient. da UNESC**. Criciúma, v.7; n.1, 2009.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

FERRETTI, C. J. **Uma nova proposta de orientação profissional**. São Paulo: Cortez, 1992.

GABEL, C. L. M.; SOARES, D. H. P. Contribuições da terapia familiar sistêmica para a escolha profissional. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 57-64, 2006.

GAIOSO, N. P. de L. **O fenômeno da evasão escolar na educação superior no Brasil**. 2005. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.

GRAMANI, M. C. N.; SCRICH, C. R. Influência do desempenho educacional na escolha da profissão. **Caderno de Pesquisa**, São Luís, v. 42, n. 147, p. 868-883, 2012.

GUIMARÃES, S. P. **Quase metade dos brasileiros se informam antes pela internet**. 2014. Publicação no site Exame.com. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/jornalistas/saulo-pereira-guimaraes>. Acesso em: 19 març.2015.

GUSDORF, G. Passé, présent, avenir de la recherche inerdisciplinaire. **Revue Internationale des Sciences Sociales**, v. 29, n.4, p.627-649, 1977.

GUSMÁN, D. S. **A arte de triunfar na vida**. Porto: Nova Acrópole, 1995.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre a modernidade**. São Paulo: Loyola, 1992.

HANSEN, G.L. et al. Mudança Estrutural da Esfera Pública: Cinquenta anos de um texto atual e multifacetado. **Revista Problemata**, v.3, n.2, p.101-126, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2012. 2012. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br>. Acesso em: 29 jul. 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA-Inep. Todas as notícias. [2012]. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/todas-noticias?p\\_p\\_auth=6rKwwOeN&p\\_p\\_id=56\\_INSTANCE\\_d9Q0&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_stat\\_e=normal&p\\_p\\_mode=view&p\\_p\\_col\\_id=column-2&p\\_p\\_col\\_pos=2&p\\_p\\_col\\_count=3&\\_56\\_INSTANCE\\_d9Q0\\_groupId=10157&p\\_r\\_p\\_564233524\\_articleId=101347&p\\_r\\_p\\_564233524\\_id=101475](http://portal.inep.gov.br/todas-noticias?p_p_auth=6rKwwOeN&p_p_id=56_INSTANCE_d9Q0&p_p_lifecycle=0&p_p_stat_e=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-2&p_p_col_pos=2&p_p_col_count=3&_56_INSTANCE_d9Q0_groupId=10157&p_r_p_564233524_articleId=101347&p_r_p_564233524_id=101475) . Acesso em 30 marc.2015.

ISASA, M. E. **A vocação nossa de cada dia**. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2010.

IVATIUK, A. L.; AMARAL, V. L. A. R. Algumas propostas da análise do comportamento para orientação profissional. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 21-29, 2004.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KIPNIS, B. A pesquisa institucional e a educação superior brasileira: um estudo de caso longitudinal da evasão. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 6, n. 11, p. 109-139, jul./dez. 2000.

KONIGSTEDT, M.; TAVEIRA, M. C. Exploração vocacional em adolescentes: avaliação de uma intervenção em classe. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 47, p. 303-312, 2010.

LARA CAMPOS, K. C. **Construção de uma escala de empregabilidade**: competências e habilidades pessoais. 2006. 159 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LASSANCE, M. C. P.; BARDAGI, M. P.; TEIXEIRA, M. A. P. Avaliação de uma intervenção cognitivo-evolutiva em orientação profissional com um grupo de adolescentes

brasileiros. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 23-32, 2009.

LASSANCE, M. C. P.; GOCKS, A. (1995). A formação da identidade profissional em universitários: a questão da prática. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E OCUPACIONAL, 2, 1995, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ABOP, 1995. p. 65-70.

LEVENFUS, R. S. et al. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LIMA, L.C.; AZEVEDO, M.L.N.; CATANI, A.M.C. **O Processo de Bolonha, a avaliação da educação superior e algumas considerações sobre a Universidade Nova**. **Revista Avaliação**, Campinas, SP, v.13, nº1, p. 7-36, marc.2008.

LOBATO, C. R. P. S. Maturidade vocacional e gênero: adaptação e uso do inventário brasileiro de desenvolvimento profissional. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 57-69, 2003.

LOUZADA, R. C. R.; SILVA FILHO, J. F. Tornar-se pesquisador: a escolha profissional como um processo. **Psicologia em Estudo**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 271-278, 2004.

LUCCHIARI, D. H. Uma abordagem genealógica a partir do genoprofissiograma e do teste de três personagens. In: LEVENFUS, R. S. et al. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 135-160.

\_\_\_\_\_. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

LUCCHIARI, D. H. P. S.; BONNEAUD, A.-L. Le genoprofessiogramme et le choix de la profession. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 57-64, 2006.

LÜCK, H. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teóricos-metodológicos**. 10.ed.Petrópolis: Vozes, 2002.

LUNA, I. N. Empreendedorismo e orientação profissional no contexto das transformações do mundo do trabalho. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 111-116, 2012.



LUZZI, D.A.; PHILIPPI JR, A. Interdisciplinaridade, pedagogia e didática da complexidade na formação superior. In: PHILIPPI JR, A.; SILVA NETO, A.J. Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação. Barueri: Manole, 2011, p.123-142.

MACÊDO, B. T. F. de. **História da universidade no Brasil**: uma análise dos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MACEDO, B. T. F.; VÉRAS, R. M.; LEMOS, D. V. S. **A trajetória da criação dos Bacharelados Interdisciplinares na Universidade Federal da Bahia**. 2014. 87 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade) - Programa de Pós-graduação Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MACEDO, R. Seu diploma, sua prancha: **como escolher a profissão e surfar no mercado de trabalho**. São Paulo: Saraiva, 1998.

MAGALHÃES, M. O. Relação entre ordem de nascimento e interesses vocacionais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 203-210, 2008.

MAGALHÃES, M. O.; ALVARENGA, P.; TEIXEIRA, M. A. P. Relação entre estilos parentais, instabilidade de metas e indecisão vocacional em adolescentes. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 15-25, 2012.

MAGALHÃES et al. Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 10-27, 2001.

MATOS, R. da L. A orientação acadêmica entre a disciplinaridade e a interdisciplinaridade. In: SANTOS, G. G. dos; SAMPAIO, S. M. R. **Observatório da vida estudantil: universidade, responsabilidade social e juventude**. Salvador: EDUFBA, 2013. p.121-141.

MAZONI, I.; CUSTÓDIO, L.; SAMPAIO, S. M. R. O Bacharelado Interdisciplinar da Universidade Federal da Bahia. O que dizem os estudantes? In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.). **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 229-248.

MELLO, F. A. F. **O desafio da escolha profissional**. São Paulo: Papyrus, 2002.

MELO, P. A.; MELO, M. B.; NUNES, R.S. A Educação à Distância como Política de Expansão e Interiorização da Educação Superior no Brasil. **Revista Ciências da Administração**, v.11, n.24, p.278-304, maio/ago, 2009.

MELO-SILVA, L. L.; JACQUEMIN, A. **Intervenção em orientação profissional: avaliando resultados e processos**. São Paulo: Vetor, 2001.

MELO-SILVA, L. L.; LASSANCE, M. C. P.; SOARES, D. H. P. A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 31-52, 2004.

MELSERT, A. L. M.; BICALHO, P. P. G. Desencontros entre uma prática crítica em psicologia e concepções tradicionais em educação. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 153-160, jan./jun. 2012.

MOREIRA, F. C. S. Orientação profissional: uma visão multidisciplinar. In: LISBOA, M. D.; SOARES, D. H. P. (Orgs). **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores**. São Paulo: Summus, 2000. p.134-143.

MOURA, A. **Entendendo a diferença entre orientação profissional e vocacional**. 2011. Texto publicado no site do jornal Extra. Disponível em: <<http://extra.globo.com/emprego/entendendo-diferenca-entre-orientacao-profissional-vocacional-2721895.html#ixzz2vyYk6Po1>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

MOURA, C. B.; SILVEIRA, J. M. Orientação profissional sob o enfoque da análise do comportamento: avaliação de uma experiência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 5-14, 2002.

MOURÃO, P.A.L. Análise da Medida Provisória 525/2011: ampliação da contratação temporária de professores substitutos e “precarização” do trabalho docente nas universidades federais. **Revista Eletrônica do curso de direito de UFSM**, v.6, n.3, 2011.

MÜLLER, M. **Orientação vocacional**: contribuições clínicas e educacionais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

MUNHOZ, I. M. S.; MELO, L. L. S. Educação para a carreira: concepções, desenvolvimento e possibilidades no contexto brasileiro. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 37-48, 2011.

NACHTIGALL, V. B.; BARDAGI, M. P.; SPARTA, M. Análise das diferenças de gênero e nível sócio-econômico nas escolhas vocacionais de adolescentes. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 6, 2003, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2003. Disponível em: <[http://www.conpe.ufba.br/modulos/consulta&relatorio/rel\\_visualiza\\_atividade.asp?ati\\_codigo=989](http://www.conpe.ufba.br/modulos/consulta&relatorio/rel_visualiza_atividade.asp?ati_codigo=989)>. Acesso em: 30 mar. 2015.

NATIVIDADE, M. R.; BRASIL, V. A escolha profissional entre os bombeiros militares. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 37-43, 2006.

NEIVA, K. M. C. **Processos de escolha e orientação profissional**. São Paulo: Vetor, 2007.

NORONHA, A. P. P.; OTTATI, F. Interesses profissionais de jovens e escolaridade dos pais. **Rev. Bras. Orient. Prof.**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 37-47, 2010.

OLIVEIRA, C. M. R.; NEIVA, K. M. C. Orientação vocacional/profissional: avaliação de um projeto piloto para estudantes da educação profissional. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 133-143, 2013.

OLIVEIRA, C. T.; DIAS, A. C. G. Percepções parentais sobre sua participação no desenvolvimento profissional dos filhos universitários. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 61-72, 2013.

OLIVEIRA, M. D. A.; SILVA, L. L. M. Estudantes universitários: a influência das variáveis

socioeconômicas e culturais na carreira. **Psicol. Esc. Educ.**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2010.

PARADISO, C. A.; SARRIERA, J. C. Experiências ocupacionais no desenvolvimento de carreira de jovens trabalhadores. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 93-104, dez. 2009.

PEREIRA, F. N.; GARCIA, A. Amizade e escolha profissional: influência ou cooperação? **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 71-86, 2007.

PRESTES, E.M.T.; JEZINE, E.; SCOCUGLIA, A.C. **Democratização do Ensino Superior Brasileiro: O caso da Universidade Federal da Paraíba.** *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, PT, n°21, 2012.

POLYDORO, S. A. J. et.al. **O trancamento de matrícula na trajetória acadêmica no universitário:** condições de saídas e retorno à instituição. 2000. 175 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

PHILIPPI, A. Jr.; SILVA NETO, A.J. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação.** Barueri, SP: Manole, 2011.

RIBEIRO, M. M. F. et al. A opção pela medicina e os planos em relação ao futuro profissional de estudantes de uma faculdade pública brasileira. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Belo Horizonte, v. 35, n. 3, p. 405-411, 2011.

RIVELIS, G. **Construcción vocacional:** carrera o camino? Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2011.

SAMPAIO, S. M. R. et al. Nova universidade, novos estudantes: quem são e o que esperam os estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares da Universidade Federal da Bahia. In: SANTOS, G. G. dos; SAMPAIO, S. M. R. **Observatório da vida estudantil:** universidade, responsabilidade social e juventude. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 239-254.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2005.

SANTOS, M. L. A. S. **Itinerários universitários**: a permanência de mães trabalhadoras nos BI da UFBA. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SANTOS, P. J. Família e indecisão vocacional: revisão da literatura numa perspectiva da análise sistêmica. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, v. 11, n. 1, p. 83-94, 2010.

SAVICKAS, M. L. Um modelo para a avaliação de carreira. In: LEITÃO, L. M. (Org.). **Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional**. Coimbra: Quarteto, 2004. p. 21-46.

SELIG, G. A.; VALORE, L. A. Orientabilidade ao longo de um processo grupal com adolescentes: relato de uma experiência. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 127-140, 2008.

SILVA, J. S. A influência dos meios de comunicação social na problemática da escolha profissional: o que isso suscita à Psicologia no campo da orientação vocacional/profissional? **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 24, n. 4, p. 60-67, 2004.

SILVA, L. B. de C. **A escolha da profissão**: uma abordagem psicossocial. São Paulo: Unimarco, 1996.

SMITH, A. **Inquérito sobre a natureza e as causas das riquezas das nações**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SOARES, D. H. P. (Org.). **Orientação profissional em ação**: formação e prática de orientadores. São Paulo: Summus, 2000.

SOARES, D. H. P. et al. Orientação profissional em contexto coletivo: uma experiência em pré-vestibular popular. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 746-759, 2007.

SOARES-LUCCHIARI, D. H. P. Pensando e vivendo a orientação profissional. São Paulo: Summus, 1993.

SOUZA, L. K.; LASSANCE, M. C. P. Amizade no processo de orientação profissional: três abordagens na intervenção com jovens. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, v. 11, n.2, p. 279-287, 2010.

SPARTA, M.; BARDAGI, M. P.; ANDRADE, A. M. J. Exploração vocacional e informação profissional percebida em estudantes carentes. **Aletheia**, Canoas, v. 22, n. 2, p. 79-88, jul./dez. 2005.

SPARTA, M.; GOMES, W. B. Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 45-53, 2005.

TARTUCE, G. L. B. P.; NUNESO, M. M. R.; ALMEIDA, P. C. A. Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 445-477, 2010.

TEIXEIRA, A. M. F. Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.). **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 67-91.

TONEGUTTI, C; MARTINEZ, M. **A Universidade Nova, o Reuni e a queda da universidade pública, 2010.**

TORRES, M. L. C. O processo clínico de orientação profissional. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 29-37, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA. Instituto De Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos - IHAC. **Notícias**. [2011]. Disponível em: <http://www.ihac.ufba.br/2011/10/o-instituto-de-humanidades-artes-e-ciencias-professor-milton-santos-como-lugar-e-processo-de-especializacao/>. Acesso em: 30 fev. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA. Instituto De Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos - IHAC. **Ensino**. [2014]. Disponível em: <<http://www.ihac.ufba.br/institucional/ensino/>>. Acesso em: 07 julh. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos - IHAC. **Programa de orientação acadêmica**. Salvador: [s.n.], 2010. Mimeo.

\_\_\_\_\_. **Projeto pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares**. 2008. Disponível em: <<http://cacetufba.files.wordpress.com/2009/10/projetobicompleto.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

VALORE, L. A. Orientação profissional no contexto psiquiátrico: contribuições e desafios. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 121-131, 2010.

VALORE, L. A.; CAVALLET, L. H. R. Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 354-363, 2012.

VASCONCELOS, Z. B.; OLIVEIRA, I. D. (Orgs.). Orientação vocacional: Alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos. São Paulo: Vetor, 2004.

VÉRAS, R. M. **Práticas institucionais/discursivas acerca dos cuidados com os bebês prematuros e/ou de baixo peso: o Programa Canguru**. 2010. 223 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

**ANEXO A- Roteiro de entrevista e grupo focal****PROJETO DE MESTRADO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A UNIVERSIDADE****TEMA: Fatores Predominantes na Escolha dos Estudantes pelos Cursos de Bacharelado Interdisciplinar (BI) da UFBA.****MESTRANDA: Carolinne Montes Baptista Vieira****ORIENTADORA: Renata Meira Vêras****ROTEIRO DE ENTREVISTA E GRUPO FOCAL**

Idade:

Sexo:

Renda: 1 a 3 salários ( ) 4 a 6 salários mínimos ( ) igual ou maior que 7 salários( )

Estudou em escola pública ou privada?

É cotista? Recebe alguma assistência estudantil?

Raça auto-declarada:

Qual BI está cursando?

Ano / Semestre de ingresso no BI/turno:

Já cursou outra graduação? Qual? O que o fez buscar outro curso?

- 1) O que você pensa sobre a entrada na universidade?
- 2) Comente sobre o seu processo de escolha pelo BI.
- 3) Que fatores você acha que influenciaram na sua escolha pelo BI? Fale um pouco sobre cada um dos fatores.
- 4) Antes de optar em fazer a seleção do BI, chegou a ler o projeto pedagógico do curso? Buscou informações sobre o BI? Onde? Com quem?



**ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Resolução nº 466/12 – Conselho Nacional de Saúde**

Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **intitulada**: Fatores Predominantes na Escolha dos Estudantes Ingressos pelos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA, que tem como **objetivos**: identificar os fatores de influência mais relevantes na escolha dos estudantes ingressos na UFBA pelos cursos de BI nas quatro modalidades: Humanidades, Artes, Ciência e Tecnologia e Saúde e sua relação com a questão vocacional e informativa sobre os BI. Este é um estudo baseado em uma abordagem multidisciplinar, utilizando como método a Etnografia Institucional.

A pesquisa terá duração de 6 meses, com o término previsto para 30/11/2014. Suas respostas serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os **dados coletados** serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você poderá **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o(s) pesquisador (a) ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista. A entrevista será gravada em aparelho gravador portátil para posterior transcrição – que será guardada por **cinco (05)** anos e incinerada após esse período. Sr (a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras.

Toda pesquisa possui riscos potenciais. Maiores ou menores, de acordo com o objeto de pesquisa, seus objetivos e a metodologia escolhida. Os riscos dessa pesquisa consistem em risco de constrangimento durante uma entrevista. Caso o entrevistado se sinta constrangido, poderá parar a entrevista a qualquer momento.

O **benefício** relacionado à sua participação será o de aumentar o conhecimento científico para a área da Psicologia Vocacional e para a área Interdisciplinar.

---

Carolinne Montes BaptistaVieira (IHAC-UFBA)

Pesquisador

---

Participante da pesquisa

Sr (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Carolinne Montes Baptista Vieira

Cel: (71)82155390

E-mail: [carobap@gmail.com](mailto:carobap@gmail.com)

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos – IHAC

PAF IV – Rua Barão de Jeremoabo, s/n – Campus Universitário de Ondina

CEP 40170-115, Salvador – BA Telefone: 71 32836786 e-mail: [ihacsecretaria@ufba.br](mailto:ihacsecretaria@ufba.br)

*“O Comitê de Ética é o setor responsável pela permissão da pesquisa e avaliação dos seus aspectos éticos. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique-se com o Comitê de Ética da Escola pelo telefone supracitado.”*

**CEPEE.UFBA - Comitê de Ética em Pesquisa - Escola de Enfermagem da UFBA Rua Augusto Viana, s/n, Sala 435 - Canela - Salvador, Bahia - Brasil - telefone: (71)3283-7615**

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento. Recebi uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

Participante da Pesquisa: \_\_\_\_\_

(Assinatura)

Pesquisador: \_\_\_\_\_

(Assinatura)